

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 117 / DEZEMBRO, 1999 / Nº 2.049

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – União e Unificação

1º Congresso Espírita Brasileiro — O Cinquentenário do “Pacto Áureo” - Juvanir Borges de Souza

Ano Internacional do Idoso

União dos Espíritos - Bezerra de Menezes

A Ciência de Recordar - Carlos Augusto Abranches

Caridade Ocasional - Geraldo Goulart

Surpresa na Casa de Pedro - Richard Simonetti

O Dilema da Disciplina - Cezar Braga Said

Maria e o Natal - Passos Lírio

Esflorando o Evangelho — **Viver pela fé** - Emmanuel

Desobsessão Coletiva - Sérgio Thiessen

Ninguém se Casa com a Pessoa Errada - Inaldo Lacerda Lima

Espiritismo e Fonoaudiologia - Sylvia Cristina Barbosa Vianna

A FEB e o Esperanto — Zamenhof — **140 anos de Nascimento** - Affonso Soares

1º Congresso Espírita Brasileiro — Momento de Reflexão em Torno da Doutrina e

Espaço de Confraternização da Família Espírita -

Flávio de Souza Pereira - Lauro de Oliveira S. Thiago

Conselho Espírita Internacional

Questões Acerca da Natureza do Espiritismo — VI — Algumas Abordagens Recentes dos

Fenômenos Espíritos - Silvio Seno Chibeni

Seara Espírita

Nota: “Ao lado de outros dois, de autoria de Bittencourt Sampaio (Espírito), ilustra nossa capa o livro “A Divina Epopéia”. Neste, Bittencourt ainda na Terra, traslada para versos heróicos o Evangelho de João. Tendo sido o quarto, “não deixa, contudo, de ser o primeiro”— diz o próprio autor no começo do livro; (...) “é o primeiro porque o apóstolo Evangelista apresenta em toda sua evidência a origem e a natureza espirituais de Jesus, enquanto que os outros se ocupam mais da moral ensinada no Templo e nas Sinagogas (...)”

Editorial

União e Unificação

No limiar deste 1º Congresso Espírita Brasileiro, promovido pela Federação Espírita Brasileira em estreita cooperação com a Federação Espírita do Estado de Goiás, é com muita emoção e alegria que saudamos a todos os congressistas, em nome da fraternidade legítima.

Nesse largo período de transição por que passa a Humanidade, desde que a liberdade de pensamento e a consciência da responsabilidade de cada indivíduo vêm-se firmando, permitindo que conhecimentos superiores chegassem aos homens, temos vivido momentos marcantes, como o da presença da Terceira Revelação.

Todos se recordam das lutas do Codificador, da dedicação de seus continuadores, na Europa, da oposição das religiões, do combate incessante do materialismo às idéias espíritas.

Depois, o transplante da Doutrina para o Brasil e para as Américas.

Aqui ela se firmou, criou raízes, encontrou adeptos dedicados.

Mas, como todas as idéias generosas e superiores, encontrou opositores e detratores, além daqueles que, aceitando a Doutrina, não conseguem vivenciá-la no seu lúdimo aspecto de fraternidade, de compreensão e de amor entre os adeptos.

Daí as divisões, as incompreensões e as interpretações exclusivistas no Movimento Espírita.

Em compensação, não faltaram os lutadores dedicados e lúcidos que pugnaram sempre pela unidade da Doutrina e pela unificação do Movimento.

Nesse campo unificacionista não podemos esquecer os exemplos inconfundíveis: o Codificador, com sua visão penetrante, varando o tempo, como exemplificação para todos os Movimentos; Bezerra de Menezes, o Apóstolo da Unificação no Brasil, desde a primeira hora até os nossos dias.

Na história do Espiritismo no Brasil há dois episódios, dois momentos, separados por quase meio século, que não podemos esquecer, dada a sua significação para todos os que aspiram à concórdia e à compreensão superior entre os profíctes e as instituições do Movimento Espírita: o primeiro, as “Bases de Organização Espírita” lançadas no Congresso realizado em 1904 pela Federação Espírita Brasileira; o segundo, a Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, o denominado “Pacto Áureo”, cujo cinquentenário estamos comemorando neste Congresso.

Caros amigos e irmãos de ideal:

A organização do Movimento Espírita e a vivência dos princípios da Doutrina Consoladora, em qualquer parte deste orbe de expiações e provas, áspero pela sua própria natureza e pelas condições de imperfeição de seus habitantes, é uma luta constante, que começa no íntimo de cada adepto pela própria renovação e se espraia pelo mundo exterior, no múltiplo relacionamento de cada criatura.

Não devemos desanimar diante dos óbices e dificuldades que encontramos a cada passo, seja diante dos opositores sistemáticos, seja diante daqueles que, dentro das próprias hostes spiritistas, não conseguem dominar suas próprias paixões, seu egotismo, seu personalismo, prejudiciais à unidade da Doutrina e de seu Movimento.

Diante de tais obstáculos, cumpre-nos seguir à frente. “Tende bom ânimo”, adverte o Cristo.

Amigos e companheiros:

Vamos lembrar o Pacto nobre de 1949 como um triunfo das forças do Bem, que permitiu o avanço acentuado do Espiritismo no Brasil.

Vamos examinar também o Espiritismo ontem, hoje e no futuro, sem esquecer nosso compromisso de confraternizar, de unificar e de divulgar na sua vivência.

Invocando as bênçãos de Deus e do Governador Espiritual do nosso Mundo, em nome da Federação Espírita Brasileira declaramos abertos os trabalhos do 1º Congresso Espírita Brasileiro. ■

* Palavras do Presidente da FEB, Juvanir Borges de Souza, na Sessão de Abertura do 1º Congresso Espírita Brasileiro, na noite de 1º-10-99.

1º Congresso Espírita Brasileiro

O Cinquentenário do “Pacto Áureo”

Exposição do Presidente da FEB, Juvanir Borges de Souza, no Painel Comemorativo do cinquentenário do “Pacto Áureo”, do Temário Oficial do 1º Congresso Espírita Brasileiro.

Caros amigos:

I

Dentre as motivações deste 1º Congresso Espírita Brasileiro, marcando-lhe especial significação, está a comemoração do cinquentenário do denominado “Pacto Áureo”.

II

Aquela memorável reunião que ocorreu em 5 de outubro de 1949, na sede da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, entre diretores da FEB e representantes de diversas Entidades Federativas estaduais — que ficou conhecida como a **Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro**, posteriormente denominada “Pacto Áureo” — foi o grande passo do Movimento Espírita brasileiro em busca de sua Unificação, que vem sendo perseguida desde os primórdios do Espiritismo nas Terras do Cruzeiro.

III

Torna-se difícil entender por que a Doutrina Espírita, constituindo-se um **corpo doutrinário unitário**, possa gerar entendimentos e interpretações diversificados, com o movimento dela decorrente seguindo diretrizes diferentes, por vezes inconciliáveis.

IV

É necessário lembrar que as idéias mais generosas, mais belas e mais realistas, trazidas ao mundo atrasado em que vivemos, nunca são aceitas sem oposições, sem lutas e sem dissensões.

V

A comprovação mais evidente dessa constatação encontramos na Mensagem do Cristo de Deus.

Apesar da superioridade das idéias genuinamente cristãs ensinadas aos homens por Jesus, seu Evangelho de Luz não foi aceito pela maioria de seus contemporâneos e aqueles que o aceitaram posteriormente interpretaram-no de formas diferentes, contraditórias, distorcidas, daí resultando as múltiplas seitas ditas cristãs que proliferam até os nossos dias.

VI

É evidente a preocupação do Codificador em procurar prevenir os cismas dentro da Doutrina sistematizada por ele, tornando-a clara, bem fundamentada nos fatos, na lógica e na razão.

Não obstante, não pôde evitar que, em seus dias, presenciasse a distorções, incompreensões e pretensões descabidas, de que é prova o denominado **espiritismo independente**.

VII

O Espiritismo chegou ao Brasil bem cedo, quando ainda vivia o Codificador. Intelectuais brasileiros trouxeram-no e o estudaram nas obras originais, na Bahia e no Rio de Janeiro, inicialmente.

VIII

As primeiras Instituições Espíritas aqui fundadas tiveram efêmera duração justamente porque ocorreram dissensões em seu seio.

Os espíritas brasileiros do século passado, com raras exceções, não conseguiram entender a Doutrina como uma unidade, na sua abrangência e múltiplos aspectos de ciência, de filosofia, de religião, de moral, de ética e de educação, profundamente ligada ao Evangelho de Jesus.

IX

A falta de sensibilidade, ou de preparação intelectual e moral, conjugada ao personalismo excessivo, levam as hostes espiritistas às interpretações tendenciosas, ao radicalismo e ao divisionismo.

X

A grande abrangência da Doutrina nem sempre é percebida pelo adepto, que se fixa em determinados aspectos doutrinários, como sua filosofia e sua ciência, desprezando seus caracteres morais, religiosos, éticos, daí resultando interpretações personalistas, profundamente prejudiciais.

XI

Essas observações levaram alguns espiritistas a se preocuparem com a **unificação** do entendimento e da prática da Doutrina.

Entre eles, desde a última década do século passado, sobressaiu-se Bezerra de Menezes, antes e depois de sua condução à Presidência da Federação Espírita Brasileira, em 1895.

Seu esforço não produziu os resultados esperados. Os espíritas de então não estavam preparados para a conquista desse nobre ideal que se convencionou denominar **unificação**.

XII

Entretanto, embora não conseguindo unificar o movimento espírita nascente em nosso País, o grande presidente, desencarnado em 1900, não só deixou exemplos magníficos de atuação no Movimento, como também continuou a pugnar pela unificação na Espiritualidade, com suas contínuas advertências em favor da **união** e da **unificação** dos espíritas, que se estendeu até aos nossos dias.

XIII

Em 1904, por ocasião do Congresso realizado no Rio de Janeiro, promovido pela FEB em homenagem ao centenário do nascimento de Allan Kardec, grande passo foi dado em prol do entendimento e da concórdia entre os espíritas. Desse Congresso surgiram as “Bases de Organização Espírita”, de grande importância na orientação do Movimento Espírita brasileiro e de seu crescimento, com fundação de Federações Estaduais e grande número de instituições espíritas por todo o Brasil.

XIV

Mas o crescimento do Movimento não significou a solução das divergências e incompreensões entre os adeptos.

Em 1926, grupos espíritas divergentes do movimento organizado lançaram a idéia de uma “Constituinte Espírita Nacional”, idéia esdrúxula, incompreensível, que não vingou. Mas do encontro surgiu a criação da Liga Espírita do Brasil, com sede no antigo Distrito Federal, que se propôs a federar as instituições espíritas, em trabalho paralelo à FEB.

XV

Essa divisão perdurou por mais de duas décadas, com enorme prejuízo para a organização do Movimento e da Doutrina dos Espíritos, cujos seguidores não conseguiam se entender, apesar da clareza e superioridade de seus princípios fundamentais, que têm no amor fraterno sua pedra angular, e a concórdia e a união, o trabalho, a solidariedade e a tolerância a recomendação constante do Alto para o relacionamento entre os homens, especialmente os spiritistas.

XVI

O divisionismo no Movimento, com todos os prejuízos dele decorrentes, subsistiu até os fins da década de 40.

Em 1947 e 1948 ocorreram fatos e encontros que mostravam claramente a preocupação das lideranças espíritas nacionais e estaduais com a necessidade de se unirem as forças e as Instituições Espíritas em torno do ideal comum.

O 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita realizado pela USE de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, em São Paulo, chegou a propor a

criação de uma Confederação, ou de um Conselho Superior do Espiritismo, proposta que, levada à consideração do Presidente da FEB, Antônio Wantuil de Freitas, foi por ele recusada.

Pressentia-se, entretanto, um encaminhamento correto em busca da união.

Espíritas de diferentes regiões do País, de tendências diversificadas no entendimento da Doutrina, sentiam o inconveniente divisionismo e a necessidade da concórdia, do respeito e da união fraterna.

XVII

Esse era o clima predominante no seio do Movimento, apesar das opiniões individuais extremadas dos personalistas irredutíveis, nos fins do ano de 1949.

XVIII

Realizava-se em princípios de outubro de 1949, no Rio de Janeiro, o II Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA).

A esse Congresso compareceram espíritas de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pará, e do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

XIX

No dia 5 de outubro, após entendimentos prévios com o Presidente da FEB, Wantuil de Freitas, os espíritas que tomaram parte no Congresso da CEPA compareceram à sede da FEB, para uma reunião memorável com seu Presidente e Diretores. Após discussão de proposta inicial reiterando a criação de uma Confederação, ou Conselho Superior do Espiritismo, novamente rejeitada por Wantuil de Freitas, este, em nome da Diretoria da FEB, apresentou outra proposição, contendo dezoito itens, sintetizando os princípios sobre os quais poderiam assentar-se a União e a Unificação do Movimento Espírita, além de detalhamento de providências complementares para o funcionamento do Acordo.

A reação de todos os presentes à memorável reunião não poderia ser mais favorável.

A aceitação da proposição foi unânime.

O regozijo foi geral, indescritível, pela emoção dos presentes.

Houve manifestação da Espiritualidade aprovando a confraternização, no encerramento da reunião e à noite, na reunião do Grupo Ismael, com mensagem do Protetor do Brasil.

XX

Esse acontecimento, de alta significação para o Movimento Espírita brasileiro, pela sua transcendência, ficou conhecido como a **Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro**, cognominado pouco depois como “Pacto Áureo” e se constitui no Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro.

XXI

Os princípios que o inspiraram, como não poderia deixar de ser, estão calcados na generosa Doutrina Consoladora, no seu caráter e na sua natureza.

XXII

Nele estão expressos o entendimento fraterno, a concórdia, a tolerância e o respeito, o auxílio mútuo, o reconhecimento da necessidade do estudo, da prática e da divulgação do Espiritismo, tudo sem prejuízo da liberdade, da independência e da autonomia administrativa das Instituições Espíritas que compõem o Movimento organizado. Era o momento de lucidez, há tanto tempo esperado, o encontro de vontades de espíritas sinceros que tanto aspiravam o entendimento fraterno.

XXIII

Nesse Acordo ficou prevista a criação do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, órgão que substituiu o antigo Conselho Federativo febeano.

O CFN, instalado em 1^o de janeiro de 1950, vem funcionando ininterruptamente, e nele se fazem hoje representar os movimentos espíritas de todos os Estados brasileiros, através de suas Federativas, além de três entidades não federativas, de âmbito nacional.

XXIV

É que o Acordo de Unificação não ficou adstrito às representações dos órgãos (Federativas) que tomaram parte na Grande Conferência.

XXV

Percebeu-se que a significação do “Pacto” tinha amplitude muito maior. Nele estava implícita a possibilidade de adesão de todo o movimento espírita da nação brasileira.

XXVI

A compreensão desse fato aliada ao idealismo de alguns confrades, entusiastas e realizadores, levaram-nos à organização da célebre “Caravana da Fraternidade”, formada com a finalidade de levar às regiões do Nordeste e do Norte do Brasil os termos do magnífico “Pacto”.

O resultado foi a adesão das Instituições daquelas regiões ao Acordo, com a criação dos órgãos federativos nos Estados que não os possuíam.

XXVII

Era o cortamento da Unificação, com o conagraçamento geral.

Desde então, o acontecimento que hoje estamos rememorando, no seu cinqüentenário, tem proporcionado ao Movimento Espírita brasileiro atuação firme, expandindo o Espiritismo na sua verdadeira índole e abrangência, tornando-o conhecido além-fronteiras e influenciando beneficentemente para que sejam repelidas as interpretações restritivas da Doutrina Espírita e pugnando para que sua influência benéfica se faça por toda parte, na grande aspiração de transformação dos costumes, das leis iníquas, da organização social, visando a alcançar um mundo regenerado.

XXVIII

Entretanto, apesar do muito que se conseguiu com o “Pacto Áureo”, não se alcançou a unanimidade dos espiritistas dentro do Movimento organizado nos moldes daquele Acordo.

Algumas entidades e muitos adeptos da Doutrina não conseguiram absorver a idéia da união e da unificação.

Uns movidos por interesses imediatistas, outros por personalismos irremovíveis, outros preferindo o divisionismo onde possam persistir com suas idéias, preferem fechar os olhos e os ouvidos aos apelos da própria Doutrina que abraçaram.

Preferem a casa dividida.

XXIX

De nossa parte, sigamos Bezerra de Menezes quando, interpretando o pensamento do Alto, nos reafirma, através da mediunidade de Divaldo Franco:

“A Unificação dos espíritas é trabalho para todos os dias, para todas as horas do nosso Movimento. Paulatinamente é conquista realizada, passo a passo, urgente, porquanto se torna necessária, para que a fragmentação, para que as dissensões, para que o egotismo dos indivíduos e dos grupos não semeiem discórdias graves nem ameacem o patrimônio doutrinário.”

*

Numa singela homenagem a todos que trabalharam em prol da Unificação do Movimento Espírita no Brasil queremos declinar os nomes dos que assinaram a Ata da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro:

1 — Antônio Wantuil de Freitas, autor da proposta aprovada e Presidente da FEB;

2 — Oswaldo Mello, Secretário que lavrou a Ata e representante da Federação Espírita Catarinense;

3 — Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, o grande interlocutor e idealista do Pacto, por si e por Aurino Barbosa Souto, Presidente da Liga Espírita do Brasil;

4 — Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do

Sul;

5 — Roberto Pedro Michelena, Felisberto do Amaral Peixoto, Marcírio Cardoso de Oliveira e Jardelino Ramos, todos do Rio Grande do Sul;

6 — João Ghignone, Presidente, e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná;

7 — Pedro Camargo (Vinícius) e Carlos Jordão da Silva, pela USE — União Social Espírita de São Paulo;

8 — Bady Elias Curi e Noraldino de Mello Castro, pela União Espírita Mineira;

9 — A esses nomes veneráveis juntamos os que constituíram a célebre “Caravana da Fraternidade” e os daqueles que, no imenso território brasileiro, aderiram ao “Pacto” e os dos que ainda hoje trabalham, ostensiva ou anonimamente, pelo entendimento e pela concórdia entre os espíritas do Coração do Mundo.

Muito obrigado. ■

Ano Internacional do Idoso

A ONU — Organização das Nações Unidas — elegeu 1999, o Ano Internacional do Idoso. Aproveitemos o ensejo para lembrar dos nossos idosos e dos idosos do mundo inteiro. Eventos comemorativos foram instituídos em toda parte para a valorização do idoso. Nós, espíritas, podemos levar o assunto para reflexão nas nossas casas espíritas e realizarmos um trabalho de despertar e sensibilização da família e do atendimento fraterno ao idoso no Centro Espírita.

Joanna de Ângelis, no livro “Vida Feliz”, psicografia de Divaldo Pereira Franco, diz: “Exercita a gentileza e a gratidão para com todas as pessoas, especificamente os idosos. A velhice é a fase inexorável que alcançarás, caso a morte não te arrebathe o corpo antes. Nesse período difícil, as forças diminuem, os órgãos se debilitam, as lembranças se apagam e a dependência física, emocional e afetiva se faz imperiosa. Pode parecer cansativa a presença do idoso; ele, porém, é rico de experiência que te pode brindar, mas carente dos recursos que lhe podes oferecer”.

Estima-se que por volta do ano 2020 teremos no Brasil 27 milhões de idosos e 700 milhões no mundo. Lembre-se, hoje, são eles os idosos, amanhã seremos nós. ■

(*Dirigente Espírita*, julho-agosto/99.)

União dos Espíritos

Neste momento grave de transformações da sociedade, qual é o nosso contributo? O Senhor já veio ter conosco! Quando nos resolveremos a ir em definitivo para o encontro com o Senhor? Até hoje a sua voz chega-nos de quebrada em quebrada, conclamando-nos ao encontro com a verdade.

...E, calcetas temos sido. Detemo-nos na retaguarda, apoiados a bengalas desculpistas, procurando as soluções da ilusão e da mentira, tentando evadir-nos da responsabilidade.

Com Allan Kardec, não temos outra alternativa, senão apoiar a razão no amor e deixar que o raciocínio frio se aqueça com o sentimento de amor profundo, para que a sabedoria se nos instale na existência transitória do corpo ou no Espírito eterno.

Meus filhos, Jesus conta conosco tanto quanto temos contado com Ele. Ontem Ele nos ofereceu o testemunho da Sua vida e não nos pede agora o holocausto de sangue nas garras das feras, nas estreitas arenas dos circos romanos. Mas, inevitavelmente, aquele que O encontrou terá que enfrentar as feras íntimas, capitaneadas pelo egoísmo, esse terrível adversário da evolução, e os seus famanazes descendentes, que são os impedimentos ao processo de integração.

As feras já não estarão fora. Deverão ser domadas no mundo íntimo. É provável que não sejamos compreendidos, nem o propósito é este.

Aqueles que receberam na Terra o prêmio, o troféu, o aplauso, já estão condecorados. Mas aqueles que passaram incompreendidos e foram fiéis até o fim, esses encontrarão a plenitude, a felicidade. Este é o passo avançado para que se dê a unificação dos espíritas, depois da união dos espíritos. E a divulgação será mais pelos atos do que pelas palavras.

O mundo está cansado de oradores flamívomos e arrebatados, mas carente de pessoas que vivam a lição que pretendem transmitir. Falamos tanto de amor! Amemos porém aqueles que nos hostilizam; não esperemos que todos estejam de acordo conosco. Compreendamos aqueles que no não compreendem e nos tornam a marcha mais difícil, todavia mais gloriosa.

Não nos preocupemos, porque o Senhor da Seara está vigilante. Ele cuida do grão que cai sobre a pedra e da ave do céu que o vai comer, mas também do grão generoso que o solo ubérrimo recebe e devolve em mil grãos para cada um.

Segui, encorajai-vos, espíritas, amando cada vez mais e alegrando-nos porque ainda estamos nos dias heróicos do testemunho, e quando as dificuldades são intestinas, quando as lições mais próximas e dilaceradoras de nossos sentimentos têm o significado mais profundo. Em dias próximos passados, também nós experimentamos acrimônia, acusação, agressão e amor; porque a harmonia do todo é resultado da integração de suas partes.

Conhecemos a difícil estrada da unificação e é por isso que suplicamos ao Senhor, depois de nos haver enviado o vaso escolhido para que pudesse receber as vozes dos céus e legá-las para todas as épocas, nos ensinasse estes dias de heroísmo e abnegação.

Não vos aflijais. Sede fiéis até o fim. Meio século significa um marco expressivo, mas o Mestre nos espera desde antes que nós fôssemos, e há dois mil anos diretamente vela por nós, mandando-nos Seus embaixadores, para que despertemos para a vida.

Filhos da alma: amai, servi, passai adiante. O defensor da nossa honra é

Jesus. O servo que se justifica e que se defende perante o mundo, certamente não confia no Senhor, que o contratou para a Sua seara. Avançai, semeai luz, ponde estrelas na noite. Enxugai o pranto que verte volumoso dos olhos do mundo, cicatrizai feridas e sede, em todo e qualquer instante, o amigo dos que não têm amigos na Terra e o irmão dos desafortunados de caminho.

Em nome dos Espíritos-espíritas, levemos a nossa mensagem de solidariedade e de amor.

Na condição de servidor humílimo e paternal de sempre,

BEZERRA

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, na Sessão de Encerramento do 1º Congresso Espírita Brasileiro, em 3-10-99.)

A Ciência de Recordar

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Sigmund Freud, o criador da Psicanálise, é um dos grandes gênios do século XX e de toda a história da Humanidade. Muito mais por ser o criador da teoria psicanalítica, Freud deve ser respeitado por ter conseguido elaborar uma forma científica de recorrer à própria história de vida do homem para solucionar problemas emocionais.

Guardado o reconhecimento merecido, podemos partir para outra linha de raciocínio, dentro da mesma idéia. Se a Psicanálise trouxe uma proposta de abordagem do conhecimento humano apoiada na análise das experiências do indivíduo e nas estruturas internas de seu psiquismo, o Espiritismo encontra na base milenar do arquivo existencial do ser a fonte segura para definir a ciência de recordar.

Não basta apenas lembrar-se. É preciso saber decifrar os enigmas das recordações e tirar deles as lições necessárias para o amadurecimento pessoal. Registros de experiências multivivenciais profundas e marcantes ocupam espaços fundamentais na intimidade emocional do indivíduo.

A Psicanálise abriu caminhos importantes para decifrar esses enigmas na vida imediata do ser, que por vezes se transformam em obstáculos para a concretização da felicidade das pessoas, mas o Espiritismo, com toda a humildade que a proposição exige, sugere que se prossiga nesse mergulho, sem medo de invadir as fronteiras das vidas anteriores. A Doutrina, aliás, é a âncora mais segura em torno da qual a Ciência pode fazer essa abordagem, sem receio de se perder em aventuras descompromissadas com os rigores da ciência em evolução.

•

Vejamos o caso de Joel, narrado por André Luiz no livro “Os Mensageiros” (ed. FEB.). André e Vicente encontram-se no salão do Centro de Mensageiros, localizado no Ministério da Comunicação, um dos núcleos de administração de *Nosso Lar*. Com eles estão alguns Espíritos, comentando sobre compromissos que assumiram antes da encarnação e que deveriam ter sido cumpridos durante a vida no corpo, mas que acabaram sendo desprezados, por causa das fraquezas que ainda abrigavam no próprio ser.

Joel, um dos Espíritos presentes, narra que andou nos círculos carnis em tarefa mediúnica e passou por experiência muito interessante. Após a desencarnação, ficou longo tempo nas regiões inferiores, voltando depois ao Ministério do Auxílio perseguido de alucinações estranhas, relativamente ao passado.

André quis saber por que o passado era a razão de seus transtornos, e Joel explicou-lhe:

— Minha tarefa mediúnica exigia sensibilidade mais apurada, e, quando me comprometi à execução do serviço [antes de encarnar], fui ao Ministério do Esclarecimento, onde me aplicaram tratamento especial, que me aguçou as percepções. *Necessitava condições sutis para o desempenho dos futuros deveres. (...)**

* Os grifos são destaques meus, diante da importância das citações textuais de André Luiz. Percebam o cuidado dos instrutores espirituais para com a preparação do futuro médium.

No quadro de trabalhos mediúnicos de Joel, estava a *possibilidade de recordar-se de existências pregressas* como expressão indispensável ao serviço de esclarecimento coletivo e benefício aos semelhantes. Só que entre os propósitos iniciais e a execução da tarefa surgiram as qualidades inferiores de caráter. Joel explica que se deixou empolgar pela curiosidade doentia, aplicando-a tão-só para dilatar as próprias sensações.

Lembrou, desta forma, que em sua penúltima existência fora um sacerdote espanhol. Com a clarividência aflorada, embrenhou-se no atalho das investigações pessoais e passou a vasculhar os caminhos de outros que lhe partilharam a convivência por aquela época. Encontrou vários ex-religiosos reencarnados, e fez questão de reconstituir-lhes as fichas biográficas, sem cuidar do verdadeiro aproveitamento no campo do trabalho construtivo.

Em vez de dedicar-se ao bem do próximo, começou a usar todo o tempo disponível para pesquisar sobre a Espanha daqueles tempos. Disperso quanto aos problemas que rondavam sua casa de estudos e atividades espíritas, esqueceu que o Senhor lhe permitia aquelas reminiscências não para satisfazer-lhe a vaidade, mas para que entendesse a extensão de seus débitos para com os necessitados do mundo e se entregasse à obra de esclarecimento e conforto aos feridos da sorte.

Desse modo, Joel atravessou a vida de surpresa em surpresa, de sensação em sensação. Ele, que renascera recordando para edificar alguma coisa de útil, transformou a lembrança em viciação da personalidade. Com seu erro, após a desencarnação, a mente desequilibrou-se e as perturbações psíquicas transformaram-se em doloroso martírio.

•

O caso de Joel está narrado no capítulo 10 de “Os Mensageiros”. São páginas que remetem a um dos aspectos básicos da filosofia espírita, o esquecimento do passado como condição fundamental para o reinício de uma nova existência.

Se, diante da Lei Divina ou Natural, o fato de esquecer temporariamente o passado é uma bênção, a possibilidade de recordar-se de vidas anteriores é aptidão reservada a pouquíssimos tarefeiros, conforme pudemos aprender. Mais vale guardarmos deslizes ou princípios de conquistas nos arquivos não-perdidos da memória integral do que ter a chance de vasculhá-los a qualquer instante e por qualquer razão, e assim correremos o risco de encontrar-nos com obstáculos dramáticos, que não teremos condições de suplantar.

Diante da questão proposta por este artigo, portanto, vale considerar: ir além dos limites de uma vida única é importante, como tentativa de entender o passado para organizar melhor o presente. Mas não nos esqueçamos: o Espiritismo é a fonte mais segura de conhecimentos para que essa tarefa seja cumprida sem desequilíbrios e leve definitivamente o homem ao domínio de uma das conquistas mais trabalhosas, a da ciência de recordar com prudência e sabedoria.

Caridade Ocasional

GERALDO GOULART

É praxe comentar-se, nas reuniões públicas ocorridas em dezembro, nas Casas Espíritas, que, a despeito do forte apelo comercial que envolve as festividades natalinas e, mesmo que o 25 de dezembro não venha a ser o dia efetivo do nascimento do Senhor na Terra, o Natal congrega pessoas, renova sentimentos, enseja a anunciação de novos roteiros na vida e induz as criaturas à prática de uma caridade da qual se mantiveram afastadas durante o ano. Isso porque a Humanidade se permite contagiar pelas vibrações do que se convencionou chamar como sendo a “data máxima da Cristandade”. Assim, dezembro é um mês de muitas cores e luzes, de troca de presentes e mensagens, de sorrisos e abraços fraternos.

Alguns expositores e dirigentes espíritas lembram, com proficiência, às suas assembléias, que o “espírito natalino” deve ser constante, a cada dia, já que em todos os dias é patente o Amor e a Presença do Cristo em nós. E que — dizem mais — a fome, a necessidade, a aflição e o abandono são presenças diárias e quase permanentes no dia-a-dia de algumas pessoas, tais como: a população carente de rua, os menores de idade e os idosos asilados (e exilados do carinho familiar), os internos em colônias prisionais e de tratamento de doenças infecto-contagiosas. Isso faz parte do mundo real!

Não obstante as preciosas advertências, que todos os fins de ano ouvimos repetidas, constata--se, ainda assim, grande afluxo de recursos e pessoas dispostas a ajudar apenas em dezembro. Algumas Instituições que movimentam mantimentos para auxílio às famílias carentes em suas comunidades e que, ao longo do ano, mensalmente renovam pedidos de alguns quilos de mantimentos para fechar a Campanha, vêem-se com armários abarrotados naquele mês. Outras, com atividade de manutenção de crianças pobres, nesse mesmo mês são visitadas por pessoas que lhes despejam dezenas de brinquedos por criança mantida. Nesse universo de Casas identificamos algumas que mantêm uma distribuição mensal ou quinzenal de sopa à população de rua. E que acontece? Em dezembro, inevitável, triplica o número das pessoas que saem naquelas caravanas da Caridade. Mas, dois terços compostos de presenças eventuais que trazem, consigo, roupas novas, presentes devidamente embrulhados em papéis multicoloridos, brinquedos, etc. Seria de louvar-se, se não fossem ocasionais...

Cabe aqui uma pergunta impertinente: qual “espírito” patrocina essa motivação, o natalino ou o do décimo-terceiro? Se fosse o primeiro, é evidente que ela, a motivação, não se restringiria a dezembro. Seria repetida em janeiro, fevereiro, março... refazendo o Natal a cada mês, como exortado pelas mensagens espíritas. Se for o segundo, é razoável que, no mínimo, promovamos “campanhas natalinas mensais” para lembrar àquelas consciências que ficam anestesiadas ao longo do ano, uma vez que a Caridade não possui data fixa no calendário como os demais eventos: Férias, Carnaval, Outono, Páscoa, Inverno, Festas Juninas e Primavera, Independência, Proclamação da República, Verão, Natal, Ano-Novo.

Acostumados que estamos às comemorações anuais, que tal facearmos cada dia como um Novo Ano em que nos comprometemos a promover o Bem ao próximo? Se doarmos, num dia um quilo de qualquer gênero alimentício, no

outro, um calçado; no terceiro, uma peça de roupa; no quarto, a palavra de reconforto e esperança, ou um abraço impregnado de fé; no quinto, um afago a uma criança, um doente, um idoso... e assim por diante, deixaremos de ser “caridosos de ocasião” para converter-nos em plantonistas da Caridade diária.

▪

Surpresa na Casa de Pedro

RICHARD SIMONETTI

Certa feita Simão Pedro levou Jesus e dois companheiros, Tiago e João, ao seu lar (Mateus, 8:14-15).

Ao entrarem, uma surpresa:

A sogra de Pedro de cama, em estado febril...

Jesus tomou-lhe as mãos e em breves momentos a temperatura normalizou-se.

A respeitável senhora ergueu-se bem disposta e pôs-se a servir os visitantes.

Evidenciava-se uma vez mais o poder incomparável do Messias que, a um simples toque, curava os mais variados males.

Surpreendente, amigo leitor, não foi a presença da febre.

Primeira defesa do organismo em face de determinados males, todos a experimentamos eventualmente.

Nem a sogra morar com o genro.

O apóstolo tinha vocação para a santidade.

A surpresa foi ele ter sogra.

Pedro seria consagrado na Idade Média como o primeiro papa.

Um sumo pontífice casado?!

A passagem é esclarecedora.

Considere-se, ainda, que não há nos ensinamentos de Jesus qualquer referência a suposta incompatibilidade entre a vocação religiosa e o matrimônio.

Em nenhum momento Jesus impõe o celibato como algo indispensável para que o indivíduo se integre nas funções de orientador espiritual de uma comunidade, mesmo um papa.

•

Nos serviços de atendimento fraterno, no Centro Espírita, constata-se que as causas mais freqüentes dos desajustes espirituais relacionam-se com os conflitos domésticos, decorrentes de relacionamento difícil, incontinência verbal, problemas financeiros, educação dos filhos...

É complicado orientar os entrevistados com base apenas na teoria, sem vivência familiar, envolvendo cônjuges e filhos. O conhecimento é importante, mas a experiência é fundamental.

Imaginemos um estudante de medicina sem contato com pacientes...

Um botânico que nunca lidou com plantas...

Um professor de dança que jamais ensaiou um passo...

Oportuno destacar:

Não havia imposição do celibato na primitiva comunidade cristã. Os fiéis, em qualquer posição da hierarquia religiosa, casavam-se, conscientes da perfeita compatibilidade entre seus compromissos espirituais e familiares.

O próprio Pedro é o exemplo maior.

•

A partir do século quarto da era cristã, quando Constantino iniciou o processo que transformaria o Cristianismo em religião oficial do Império Romano, o movimento se institucionalizou, surgiu o profissionalismo religioso.

A partir daí houve lamentáveis desvios.

Um deles foi a imposição do celibato, consagrado no Concílio de Latrão, no ano de 1139.

Dentre os objetivos, três primordiais:

- Preservar os patrimônios da instituição.

Sacerdotes casados tenderiam a privilegiar a formação de seus próprios

patrimônios.

- Preservar a castidade.

Sexo, para os teólogos medievais, era algo pecaminoso. Como poderia o ministro de Deus, o orientador religioso, exercitá-lo? Seria um sacrilégio!

- Preservar a dedicação plena.

Compromissos familiares desviariam o padre de seus deveres relacionados com a comunidade dos fiéis.

Na defesa dessas idéias, costuma-se evocar Paulo de Tarso:

Na primeira epístola aos Coríntios, capítulo 7, versículo 8, diz o apóstolo:

— *E aos solteiros e viúvos, digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também vivo.*

Se os cristãos levassem sua observação ao pé da letra, estariam contribuindo para a extinção da raça humana.

Considera-se, entretanto, que ele se referia à vida religiosa. Melhor que não se casem para que tenham maior liberdade nos serviços da fé.

Mas Paulo jamais pretendeu fazer de sua sugestão um artigo de fé, uma imposição de cumprimento indispensável, tanto que acentua, em seguida:

— *Caso, porém, não se dominem, que se casem, porque é melhor casar do que abrasar.*

Se o impulso do acasalamento, instintivo na natureza humana, fala alto, é razoável que o candidato aos serviços religiosos venha a constituir família, sem abdicar de seu ideal.

•

Muitos Espíritos reencarnam para sagradas tarefas no seio da religião. Experimentam a vocação religiosa desde a infância.

Ordenam-se sacerdotes.

Entretanto, não têm vocação para o celibato e a castidade.

Enfrentam dorida solidão.

Experimentam os apelos da sexualidade, ardem-se em fantasias e sonhos eróticos.

Atormentam-se. Têm dramas de consciência...

— São os demônios — dizem seus superiores.

— São os hormônios — explicam os médicos.

É natural no jovem.

A sexualidade desabrocha e os hormônios circulam, sugerindo o acasalamento.

Os sonhos eróticos dramatizam o que está acontecendo com o corpo.

Muitos sucumbem aos apelos da natureza animal e abandonam seus compromissos ou se comprometem em ligações proibidas.

Culpados?

Não!

Culpa de uma disciplina que contraria a Natureza.

•

O homem e a mulher são duas partes que se completam.

Cérebro e coração...

Razão e sentimento...

Força e sensibilidade...

Permutam recursos magnéticos de equilíbrio e bem-estar, como valiosos estímulos para as realizações mais nobres.

Por isso, o amor está em primeiro lugar nas cogitações humanas.

Salvo, portanto, em circunstâncias especiais, em que a própria vida impõe a solidão afetiva, por imperativo de resgate e reajuste ou por opção voluntária, o casamento surge como um caminho natural para o homem.

Isso não impede sua realização no campo religioso.

Grandes vultos da Humanidade, com contribuições marcantes em favor do progresso humano, foram casados e tiveram filhos.

Há um ditado famoso, de exaltação do sexo feminino:

Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher.

No Espiritismo, onde o celibato é considerado uma opção pessoal, jamais uma disciplina indispensável à participação na direção das entidades, temos figuras ilustres que se casaram.

Bezerra de Menezes, grande médico da pobreza...

Peixotinho, extraordinário médium de efeitos físicos...

Cairbar Schutel, valoroso pioneiro do jornalismo espírita...

O exemplo maior está no próprio Codificador.

Allan Kardec tinha em sua esposa, Amélie Boudet, inestimável colaboradora.

•

Mas é imperioso observar, amigo leitor:

Se é um equívoco o homem negligenciar a família humana, para cuidar da família universal, não menos equivocada está aquele que se dedica exclusivamente à família humana, esquecendo-se da família universal.

Concretizada a união de dois corações enamorados que se realizam nos cuidados e nas alegrias da paternidade, muitos casais tendem a ver no círculo familiar o início e o fim de suas iniciativas e preocupações.

Prendem-se ao conceito estreito de família como ligação consangüínea, um clube fechado pelas chaves do sangue.

Nesses lares são precárias a paz e a harmonia, porquanto suas raízes de estabilidade emocional e espiritual são muito frágeis e curtas, não ultrapassando o torrão doméstico.

Para pessoas assim, que compõem grande parcela da Humanidade, problemas e limitações, contrariedade e dissabores, normais na Terra, tornam-se dramas terríveis, sempre que atingem o agrupamento familiar.

Por isso, o amor que inspira o anseio de uma vida em comum, onde os filhos se apresentam como frutos abençoados de afetividade, somente se manterá em plenitude, sem enganos, sem temores, sem desequilíbrios, quando suas raízes se estenderem além das paredes estreitas do lar.

Não há nada mais edificante, nem mais nobre, nem mais belo que o exemplo de corações que se amam, unidos no mesmo propósito de exercitar a fraternidade, participando de obras sociais e serviços religiosos, vendo na Humanidade uma grande família, onde todos se devem mútuo apoio.

O acasalamento nos realiza como filhos do Homem.

A solidariedade nos realiza como filhos de Deus.

E se muito amamos a família consangüínea e muito nos preocupamos com sua saúde, conforto e paz, multiplicando rogativas ao céu em seu benefício, recordemos que Jesus foi até a sogra de Pedro porque Pedro estava com Jesus. ■

O Dilema da Disciplina

CEZAR BRAGA SAID

É bastante comum em nossos dias ouvirmos reclamações de pais e professores, em torno do comportamento indisciplinado de crianças e jovens. Palavrões, brigas, pichações, desrespeito aos mais velhos, desleixo com a aparência, iniciação sexual precoce, gravidez na adolescência, etc., fazem parte do rol de atitudes mencionadas para caracterizar esse comportamento indisciplinado.

Não se pode perder de vista o despreparo dos pais na condução da prole.

Quando bem dotados financeiramente, matriculam os filhos nas melhores escolas, proporcionam-lhes viagens de estudos e entretenimento, oferecem-lhes cursos de informática e idiomas, alimentação apurada, cuidando com extremo desvelo do corpo, investindo somente na sua formação intelectual.

A formação moral, quando lembrada, é relegada para alguma religião ou transferida para a escola, pois estes mesmos pais estão muito ocupados com outros afazeres ou envolvidos com outras atividades que consideram relevantes.

Nas famílias menos dotadas de recursos materiais, o desenvolvimento da criança já se vê comprometido em razão da carência alimentar, da falta de tempo dos pais para orientá-los, pois saem muito cedo para trabalhar e retornam muito tarde. Existindo então outros compiladores.

Às vezes a criança é filha de pais separados, que por razões diversas nem sempre conseguem atender convenientemente às suas carências e necessidades.

A televisão tornou-se de um tempo para cá a companheira e a educadora de muitas das nossas crianças e jovens, e, infelizmente, uma companhia altamente questionável.

É preciso que se diga, ainda, que os professores, na grande maioria, não foram preparados para lidar com crianças que apresentam problemas de comportamento e nem com aquelas portadoras de necessidades especiais. Quando conseguem um mínimo de conhecimento teórico, é porque fazem algum curso adicional ou a larga experiência dos anos lhes fez acumular conhecimentos suficientes sobre o assunto.

Ao despreparo dos pais junta-se o despreparo dos professores.

Considerando essa variedade de fatores que, até certo ponto, explicam os problemas apresentados pelos educandos, não podemos esquecer que eles são Espíritos reencarnados, trazendo **tendências** e **aptidões** das vidas passadas. E que os mesmos possuem afetos e desafetos no mundo espiritual, influenciando-lhes direta ou indiretamente o comportamento.

Com tudo isso, como estabelecer uma disciplina que prepare, oriente e colabore na formação de homens de bem?

Didaticamente podemos pensar em três níveis de disciplina:

- PREVENTIVA
- PUNITIVA
- REPARADORA

A **disciplina preventiva** é aquela que é trabalhada desde a gestação, perpassando todas as fases do desenvolvimento biopsicossocial da criança.

Paulo Freire (1989) salienta que a disciplina externa é necessária para

estruturar a interna e que a criança entregue a si mesma dificilmente se disciplina. A presença e o exercício da autoridade paterna e materna é indispensável na construção da sua autonomia.

Parafraseando o educador Rubem Alves (1988), afirmamos que é necessário libertar a criança das disciplinas desnecessárias, a fim de que ela consiga lidar com aquelas que são inevitáveis no caminho de qualquer pessoa adulta, e até mesmo aceitá-las.

Como é importante a presença de limites, de regras na fase infantil. E disciplina não é apenas um conjunto de normas que estipulam deveres a ser cumpridos. A natureza possui uma disciplina sem a qual os mares invadiriam as regiões continentais, os continentes gelados se derreteriam, as cadeias alimentares entrariam em desequilíbrio, os planetas colidiriam uns com os outros. O amor estabelece a disciplina do bem--querer, do perdoar incessantemente, do fazer o bem a quem nos faz o mal e assim por diante.

Não podemos e nem devemos associar disciplina a surras e agressões, pois esse tipo de postura já é violência e não disciplina.

Joanna de Ângelis (1991) fala-nos de três tipos de indivíduos adultos, que resultam de uma educação bem ou mal orientada:

a) Os **insatisfeitos**: são aqueles que foram vítimas de pais instáveis emocionalmente, despreparados para orientarem seus filhos para a vida. Pais violentos ou indiferentes.

b) Os **dependentes**: são aqueles que foram mimados, tiveram todas as suas vontades e caprichos satisfeitos, viveram numa redoma e quando em contato com o mundo, precisando cortar o cordão umbilical e decidir, optar, entram em crises ou sempre recorrem a quem possa decidir por eles.

c) Os **realizados**: são pessoas que vivem instantes de dependência e de insatisfação, mas conseguem administrar bem os seus conflitos. Normalmente conviveram com regras e tiveram afeto durante a infância, e graças a isso, desenvolveram uma capacidade de decidir com autonomia, correndo os riscos necessários e assumindo as conseqüências dos seus atos.

A **disciplina punitiva** é aquela aplicada nos presídios, nos lares onde os pais corrigem com violência seus filhos, nos países onde o crime é punido com outro crime (pena de morte), e que, inevitavelmente, não promove, não remove as causas da indisciplina.

A esse respeito Pedro de Camargo (1977) escreveu:

“Para bem agirmos em prol do saneamento moral, precisamos partir deste princípio: o crime não é o criminoso, o vício não é o viciado, o pecado não é o pecador (...) o doente não é a doença. Assim como se combatem as enfermidades e não os enfermos, assim também se deve combater o crime, o vício e o pecado, e não o criminoso, o viciado e o pecador”.

Theobaldo Miranda Santos (1964) afirma que os castigos ministrados com raiva até acentuam a revolta da criança. É necessário que ela perceba na correção de que é objeto o propósito do seu aperfeiçoamento.

A **disciplina reparadora** é a única capaz de ir até as causas da indisciplina, que se localizam no Espírito imortal, e que segundo Ney Lobo (1989), citando Allan Kardec, residem no instinto de conservação exagerado e no desconhecimento do passado e do futuro do Espírito. Só ela pode minimizar a crença na superioridade individual, o orgulho e o egoísmo, que conduzimos em nosso cerne.

Exemplificando, é preciso que a criança seja levada a corrigir o que errou,

consertar o que quebrou, repor o que retirou, desculpar-se com quem ofendeu, fazendo sempre uma ação contrária e correta àquela que foi considerada uma indisciplina. Conscientizando-se de que errou.

É claro que isso não se consegue sempre no exato momento em que ela é flagrada em erro. É preciso que os educadores, de modo geral, tenham o tato necessário para aguardar a hora certa de solicitar a correção. No calor das emoções exaltadas é muito difícil que a criança se predisponha a essa reparação. E não raro, quando se exige isso logo de imediato, comete-se um outro erro, o de humilhá-la, obrigando-a a uma correção forçada e exterior, sem que ela se convença do seu equívoco.

Escreve o filósofo Ney Lobo (1989) que:

“O grau de responsabilidade disciplinar do educando deve ser diretamente proporcional à gravidade da falta, ao grau de liberdade em cometê-la ou não e a sua idade, não somente biológica ou mental, mas relativa ao nível espiritual. Esta idade espiritual se apresenta através dos componentes: inteligência e moralidade (variáveis de um espírito para outro)”.

É com a disciplina reparadora que a criança conseguirá ser um adulto realizado, nas palavras de Joanna de Ângelis, libertando-se de sentimentos de culpa, da censura social, estruturando sua disciplina interna e utilizando seu livre-arbítrio sempre para o bem.

Diz-nos também Allan Kardec (1997) no livro “O Céu e o Inferno”:

“**Arrependimento, expiação e reparação** constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa.”

Só nos resta investir cada vez mais na Educação do Espírito, se quisermos fazer da Terra um mundo feliz, governado por Homens inteligentes e bons, regidos pela disciplina do Amor. L

BIBLIOGRAFIA

- KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro, FEB, 1997.
- ALVES, Rubem. O Enigma da Religião. Campinas: Papirus, 1988.
- CAMARGO, Pedro de. O Mestre na Educação. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- FRANCO, Divaldo Pereira. Momentos de Consciência. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Alvorada, 1991.
- FREIRE, Paulo. Dialogando sobre disciplina. In: D'ANTOLA, Arlette (org). Disciplina na escola: Autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989.
- LOBO, Ney. Filosofia Espírita da Educação. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. Noções de Filosofia da Educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964

Maria e o Natal

PASSOS LÍRIO

Maria era de rara beleza física e espiritual, pura como um lírio do campo. Espírito domiciliado na Terra — planeta de contrastes chocantes —, conquanto subordinada às suas circunstâncias, não deixava de ser excepcional personalidade, exteriorizando por toda parte radiosas luminescências de sacrossanta pulcritude, do seu envolvente Amor.

Talvez, quando ainda na flor dos anos, ouvira, entre curiosa e embevecida, os seus ascendentes contarem, com toda a ênfase da raça israelense, as significativas passagens bíblicas, sucedidas em épocas passadas, no seio do Povo Eleito, para deleite de sua alma de arminho.

Jacó e seu vaticínio sobre a predestinação da tribo de Judá, de quem procederia o Messias.

Jó e a superação da precariedade de suas parcas condições de vida.

Davi, o saltério e a terapia da música.

Saul e a pitonisa de Endor.

Salomão, a suntuosidade do Templo e a fama de sua sabedoria.

Jeremias e as visões proféticas.

Daniel, com o dom da clarividência, inspirado e confiante, interpretando os misteriosos caracteres traçados por enorme mão no mural da sala dos festins de Baltazar, quando o rei e seus convivas se entregavam às bacanais.

Miquéias, nas noites de firmamento recamado de estrelas, naqueles idos e perdidos tempos, pregando o advento do Messias de Deus, vindo na minúscula localidade de Belém.

Isaías, descortinando o futuro, falando da esfericidade da Terra e da surpreendente revelação da chegada do Salvador da Humanidade.

Habacuc e o desespero de suas lamentações.

Joel e a promessa de que, nos últimos tempos, ocorreria o derramamento do Espírito do Senhor sobre toda a carne, em que os velhos teriam visões, os moços sonhos e profetizariam.

A Virgem de Nazaré se comprazia em ouvir as histórias simples, eivadas de seiva espiritual, condizentes com a sua terna alma, que a embalavam na fragrância das coisas de Deus.

Maria! Estrela aurifulgente entre as trevas do Mundo, Mãe espiritual, simbólica, que vela e se desvela por todos os que, imprevidentes, incautos, enveredam por tortuosos caminhos, despenhando-se em precipícios caliginosos, impelidos por acúmulo de mazelas e misérias morais. Maria! Nume Tutelar da Humanidade, por quem se abnega infatigavelmente, assistindo-a em todos os lances do percurso da trajetória terrena.

•

Numa noite silenciosa e de plenilúnio, que já vai bem longe e tão distante, perfazendo dois milênios, em torno da Virgem de Nazaré potente claridade se fizera, algo de extraordinariamente belo, como que uma substância vaporosa, indefinível, vai-se configurando entre forma humana e divina. É Gabriel, Espírito portador dos desígnios do Altíssimo. Condensa-se-lhe o Anjo, saudando-a significativamente: “Salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita tu entre as mulheres. E vendo-o, ela turbou-se muito das suas palavras, e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe então o Anjo: Maria, não temas, porque achaste

graça diante de Deus; e eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai.

E disse Maria ao Anjo: Como se dará isto? pois não conheço varão. E, respondendo o Anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor, cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o Anjo ausentou-se.” (Mateus, 1:28-32, 34-35 e 38.)

A Anunciação, em breves palavras, se tornaria a Boa-Nova de todas as idades e gerações, de todos os séculos e milênios, e pelos tempos afora, sem-fim. Posteriormente, outros fatos se sucederiam, para melhor realçar a significação do advento dAquele que viria a ser a Luz do Mundo, a Ressurreição e a Vida, conforme constam nas anotações dos Evangelistas Mateus e Lucas.

Assim, num dia, como antes nem depois outro igual não houve, em pequena manjedoura de esquecida estrebaria em Belém, banhada pelas claridades das estrelas em madrugada de luz, nascia o Filho de Deus. Jesus abria os olhos para o Mundo, em forma de formosa criança, tendo por primeiro ato contemplar o semblante de Maria, a excelsa Mãe que o Pai Celestial lhe dera, e alongar, logo depois, Seu olhar até os animais, mudas testemunhas daquela comovente cena de singeleza e humildade, em linda noite de remotos anos, na distante e longínqua Efrata. ■

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

Viver Pela Fé

“Mas o justo viverá pela fé.” — Paulo. (ROMANOS, 1:17.)

Na epístola aos romanos, Paulo afirma que o justo viverá pela fé.

Não poucos aprendizes interpretaram erradamente a assertiva. Supuseram que viver pela fé seria executar rigorosamente as cerimônias exteriores dos cultos religiosos.

Freqüentar os templos, harmonizar-se com os sacerdotes, respeitar a simbologia sectária, indicariam a presença do homem justo. Mas nem sempre vemos o bom ritualista aliado ao bom homem. E, antes de tudo, é necessário ser criatura de Deus, em todas as circunstâncias da existência.

Paulo de Tarso queria dizer que o justo será sempre fiel, viverá de modo invariável, na verdadeira fidelidade ao Pai que está nos céus.

Os dias são ridentes e tranqüilos? tenhamos boa memória e não desdenhemos a moderação. São escuros e tristes? confiemos em Deus, sem cuja permissão a tempestade não desabaria. Veio o abandono do mundo? o Pai jamais nos abandona. Chegaram as enfermidades, os desenganos, a ingratidão e a morte? eles são todos bons amigos, por trazerem até nós a oportunidade de sermos justos, de vivermos pela fé, segundo as disposições sagradas do Cristianismo.

(Do livro “Caminho, Verdade e Vida”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 23, p. 61--62, 18. ed. FEB.)

Desobsessão Coletiva

SÉRGIO THIESEN

“**Qual é o teu nome?**” — indaga Jesus. Responde-lhe: “**O meu nome é Legião, porque somos muitos.**” E lhe imploravam com insistência que não os mandasse para fora daquela região (Gerasa). (Marcos, 5:9-10).

Obsessão é o maior flagelo da Humanidade. Os vínculos dolorosos estabelecidos na Eternidade entre as almas que vivem no Planeta surgiram e se perpetuam há milênios, aprisionando-as entre si e caracterizando a massa de Espíritos que aqui reside como primitiva. Com raízes no egoísmo desenfreado, vivemos ainda imersos em sombras que atuam tanto nos indivíduos como nas coletividades, instituições, famílias, cidades, povos, obstaculizando os anseios incipientes de redenção e libertação.

Na Codificação, Kardec estuda a obsessão em “O Livro dos Médiuns”, no capítulo XXIII, enfocando aqueles casos em que os médiuns eram obsidiados e como se devia fazer para evitá-la ou combatê-la, fossem casos simples, de fascinação ou subjugação.

Em obras complementares, André Luiz estuda o assunto com detalhes, publicando até mesmo uma obra específica, de título “Desobsessão”, em 1946. Por todo o Brasil, nos Centros Espíritas, vão surgindo reuniões mediúnicas voltadas para o seu tratamento, caracterizando-se pelo diálogo fraterno e o esclarecimento dos obsessores trazidos pelos mentores espirituais, que se manifestam através da psicofonia. Hermínio C. Miranda em “Diálogo com as Sombras”, de 1979, aprofunda o tema valorizando ainda mais a doutrinação e o atendimento individualizado.

Nas obras de André Luiz, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, bem como nas de autores espirituais como Manoel Philomeno de Miranda, há referência às manifestações de grupos de Espíritos vinculados a certos casos por eles narrados.

Durante sucessivos anos de experiência em reuniões de desobsessão, notamos, em muitos casos, a presença de grupos maiores ou menores de Espíritos que eram identificados pelo autor e por médiuns videntes como sendo os responsáveis pela influência nociva sobre os doentes atendidos.

Em todos esses casos havia ou não a manifestação pela psicofonia de uma das entidades que fazia parte do grupo e do processo obsessivo. A partir dos primeiros casos fomos desenvolvendo algumas técnicas para atender não apenas ao Espírito comunicante (quando este se manifestava, “representando” os demais) mas a todo o grupo coletivamente. Estas foram sendo testadas e na medida que podiam ser repetidas em situações semelhantes com resultados igualmente positivos, foram sendo incorporadas como recursos de tratamento.

Passamos ao estudo de alguns casos ou situações que exemplificam a necessidade de se atentar para o coletivo, multiplicando os benefícios do atendimento.

Muitas vezes comparece ou é trazida entidade que desencarnou violentamente como vítima de guerra. São Espíritos que, passado um tempo maior ou menor desde o conflito, por vezes séculos, se apresentam como mutilados, sentindo dores físicas intensas, em várias partes do corpo, com fome e frio, muitas vezes desconhecendo que já desencarnaram. Através da oração, do diálogo fraterno e consolador e da transferência de recursos fluídicos para ele,

apresenta profunda recuperação de seus males físicos e morais. Por ocasião de seu atendimento, os médiuns percebem o cenário da última batalha e a presença de inúmeros Espíritos dispersos pelo chão, “agonizantes”, andrajosos, com uniformes rotos, esqueléticos, amontoados entre gritos e gemidos, armas espalhadas... Este quadro é cheio de vida, independentemente de quando tenha sido o confronto e aqueles que ali permaneceram lá se encontram desde então. Este contexto se apresenta quando iniciamos o atendimento para uma pessoa encarnada, doente, com as mais variadas patologias, físicas ou mentais, incluindo a depressão, síndrome do pânico ou a esquizofrenia. Outras vezes este contexto é aberto pela espiritualidade mesmo sem estarmos atendendo a algum encarnado identificado no início. Quase sempre o encarnado foi um dos agressores e responsáveis por tudo aquilo que se apresenta no cenário do conflito e é quando o contexto todo é tratado, com a recuperação e encaminhamento de todas as vítimas é que ocorre, algum tempo depois sua melhora clínica, independente do tratamento médico concomitante. Outras vezes o paciente encarnado é uma das vítimas e, apesar de mergulhado em nova existência corporal, algo de si, através de vínculos sutis, em fenomenologia de ressonância, o mantém ainda atrelado àquela experiência dolorosa. E com repercussões negativas em si próprio, contribuindo para ou mesmo gerando sua doença atual. Só com a abordagem ampla e coletiva em que todos são beneficiados, recuperados e conduzidos para hospitais e colônias espirituais é que se dá a reversão moral de todo o drama e a libertação da vítima bem como de todos os envolvidos. A isto se segue, comumente, significativa melhora clínica. Todo o desenrolar das diversas etapas de tratamento é monitorado pelos médiuns videntes. Situações análogas têm sido geradas por guerras, revoluções, conflitos armados em geral e apesar do tempo que delas tenha decorrido, suas conseqüências ainda se arrastam até que tudo efetivamente seja tratado e se harmonize. São verdadeiros bolsões de Espíritos, que sem energia externa benéfica e por ignorância quanto aos meios para sua libertação detêm-se estagnados, sofrendo e fazendo sofrer, consciente ou inconscientemente, por ação direta ou por fenômenos ressonantes psíquicos.

Alguns dos casos tratados foram de guerras ou batalhas conhecidas da História, mas a maioria situava--se sob o véu da obscuridade. Uma de que me recordo foi na região de Hiroshima, onde restavam milhares de Espíritos vitimados pela radiação ionizante no final da Segunda Grande Guerra. Outra recente reunião possibilitou o atendimento às vítimas de conflitos étnicos entre minorias da África e no Kosovo. Levas de Espíritos são resgatadas e encaminhadas aos hospitais da espiritualidade.

Outra situação é a dos Espíritos enfermos que desencarnaram por enfermidades diversas, mais ou menos longas, que são trazidas à psicofonia, manifestando suas dores, limitações funcionais e com a impressão de estarem ainda no leito de hospital, geralmente em enfermarias, onde permaneceram por muito tempo até serem resgatados. Espontaneamente ou questionados por nós referem-se a inúmeros outros doentes que vivem em situações semelhantes no mesmo ambiente hospitalar. Uma vez confirmada esta realidade pelos próprios médiuns em tarefa, após o atendimento do caso inicial, dedicamos a etapa seguinte aos demais e com as técnicas e recursos pertinentes, os benefícios lhes são dirigidos, alcançando a todos, modificando suas condições perispirituais no próprio ambiente em que se demoravam, sendo, após, levados para os núcleos de assistência na espiritualidade. Já houve casos em que o mentor propunha o atendimento a determinados hospitais de nossa cidade para o encaminhamento dos Espíritos aí retidos. Tivemos oportunidade de atender processos semelhantes, mas de enfermos vitimados por epidemias como a peste bubônica

na Europa, há vários séculos ou por suicídio coletivo de tribo indígena na Amazônia em 1991. A distância não impede que possamos atendê-los, bem como a defasagem de tempo entre o ocorrido e a data dos atendimentos.

Por vezes, são trazidas vítimas de acidentes de avião, trens, terremotos, enchentes, incêndios, furacões. Tenham sido recentes ou esquecidos nos registros humanos, permanecem juntas e em profundo sofrimento, necessitando de energia externa para serem resgatados. Quando qualquer deste tipo de vítima é trazido procuramos dedicar uma etapa seguinte na busca de grupos de entidades com semelhante padecimento vinculados entre si e ao que foi trazido inicialmente. Busca tratamento ainda na região onde se deu a catástrofe e posterior encaminhamento.

Uma última situação comum que gostaríamos de lembrar é a dos Espíritos aprisionados em regiões umbralinas ou trevosas por magos, gênios do mal, “dragões” e outras criaturas maléficas que, em suas bases edificadas, mantêm-se por séculos dominando e hostilizando aqueles mais enfraquecidos ou doentes. São vistas em masmorras, cavernas, ambientes infectos, em meio a roedores, morcegos, etc. Nesse caso, o coletivo se prende tanto às numerosas hostes dos obsessores hierarquicamente organizados em verdadeiros impérios do mal, como às de suas vítimas desencarnadas, sem falarmos do que atuam sobre pessoas e instituições na crosta da Terra. A hierarquia das trevas, também na nossa experiência é algo impressionante e foi objeto de estudo por parte de Áureo no livro “Universo e Vida”, psicografia de Hernani T. Sant’Anna (edição da FEB). Para estas questões existem recursos tanto para resgatar destas prisões coletivas aqueles que lá são mantidos, como para neutralizar a ação de seus algozes. Quando um de seus líderes é encaminhado, um número apreciável de vítimas, dos dois lados da vida, é liberado concomitantemente. Quanto maior seu poderio ou mais maléficos eles são, maior o benefício e o número de criaturas que se libertam quando de sua capitulação e afastamento definitivo, em relação aos que se lhes estavam subjugados. Chama-nos a atenção a quantidade, o conjunto de Espíritos ligados a cada caso, tanto no rol de seus asseclas como de suas vítimas encarnadas e desencarnadas. À guisa de exemplo, lembro-me de que, recentemente, em uma de nossas reuniões, compareceu pela psicofonia uma freira desejando falar-nos. Contava que ouvira dizer que poderíamos ajudá-la e expôs seu problema. Havia um grupo de crianças sob sua responsabilidade, mas que se detinha em região inferior sob influência de certos Espíritos trevosos. Sem entrarmos no mérito causal e aplicando recursos específicos, pudemos constatar a liberação e migração desse grupo de entidades na direção de um jardim, em torno de um hospital na espiritualidade em colônia próxima da crosta. A irmã acompanhou todo o atendimento até que a última criança lá chegasse e, emocionada, agradeceu. A edificação das trevas foi vista ruir ao impacto das vibrações de altíssima frequência dirigidas para lá.

Como tratar as situações coletivas? Na medida que o coordenador passa a verificar atentamente, diante de cada caso que é trazido, a presença de outros Espíritos, como nos exemplos citados, seja por sua sensibilidade, seja pela dos médiuns videntes do grupo, ele deve predispor-se a expandir o tratamento aos demais, sem deixar de cuidar daquele que, escolhido pelo Mundo Maior, exatamente propiciará que todos se beneficiem. A frequência vibratória do comunicante, seja um enfermo, seja um prisioneiro numa base ou edificação das sombras, é um registro de identidade que ele irradia e que possui vínculos mento-fluido-magnéticos com todos aqueles que viveram (e ainda vivem) tal drama, tanto vítimas quanto eventuais causadores. Após a constatação e o diálogo iniciais, o coordenador deve projetar energia mental, consciente do que se passa com o grupo em questão, de tal modo que suas reais necessidades

espirituais sejam atendidas, de forma a plasmar, por exemplo, a recuperação, integridade e saúde de seus perispíritos ou sua libertação dos liames que os mantinham cativos. Após esta etapa fundamental faz-se necessária a condução de todo o grupo para as regiões astralinas, onde estão os hospitais e zonas de triagem para que lá o tratamento tenha continuidade e se conclua, sob a égide dos benfeitores do Alto. A condução através de energia mental e vital emitida pelo doutrinador é acompanhada pelos médiuns até que se complete, certificando-se de que todos foram beneficiados e que efetivamente chegaram até lá. Cada grupo de trabalho conta com a cobertura necessária destes núcleos de assistência e guardam relação “geográfica” com sua localização na Terra.

Não se preterem quaisquer dos cuidados atinentes ao trabalho habitual de desobsessão, como o preparo dos médiuns, do coordenador, a estruturação do grupo, o diálogo fraterno, a prece, a fluidoterapia... A energia vital do grupo, a coesão e solidez da corrente e o monitoramento pela vidência são essenciais. Alguém poderia questionar por que não se deixar para a Espiritualidade Superior realizar estas coisas no mundo espiritual. Pelas mesmas razões que não esperamos que eles façam e resolvam no mundo espiritual os atendimentos individuais, trazendo-os através da psicofonia.

Lembramos ainda que esta abrangência que a atividade de desobsessão pode alcançar surgiu da experiência no trato dos casos individuais e foram acontecendo naturalmente na medida que notávamos o conjunto de entidades vinculadas a cada caso e nos propúnhamos a beneficiá-las.

Queremos ressaltar que: 1) Processos obsessivos envolvendo grande número de vítimas ou algozes são comum. 2) As situações pendentes, acumuladas na esteira do tempo, abrangendo questões morais e cármicas, vinculando os seres entre si, são graves, freqüentes e de enorme capacidade geradora de enfermidades e psicopatias humanas. 3) São, por isso, incomparavelmente maiores os benefícios advindos do tratamento coletivo. 4) Os recursos fundamentais para se estender o atendimento para grupos de Espíritos são os mesmos dos trabalhos bem orientados de desobsessão, acrescidos de alguns requisitos e condições. 5) Os recursos originados e trazidos pela Espiritualidade para esta expansão quali-quantitativa vão sendo acrescidos na medida que o grupo funcione com esta proposição. 6) É patente o interesse do Mundo Maior no sentido de que novos grupos se preparem para estes cometimentos, auxiliando na mais efetiva reversão de tão doloroso quadro moral de nosso orbe. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. SANT'ANNA, Hernani T. Pelo Espírito Áureo, ed. FEB, 1978.
2. MIRANDA, Hermínio C. Diálogo com as Sombras, ed. FEB, 1976.
3. AZEVEDO, José Lacerda. Espírito e Matéria. Novos Horizontes para a Medicina, ed. Pallotti, 1988.
4. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, ed. FEB, 1993.
5. XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito André Luiz, ed. FEB 1946.

Ninguém se Casa com a Pessoa Errada

INALDO LACERDA LIMA

Com tristeza, verificamos no seio das atuais sociedades ocidentais de nosso planeta, e de modo já bastante arraigado no Brasil, a prática abusiva dos divórcios, dos ajuntamentos clandestinos, das separações irresponsáveis com o abandono da família e dos escândalos recheados de cinismo.

E mais: há até quem chega ao exagero de manifestar propósitos relacionados com a extinção ou abolição do casamento, como se tratasse de costume desnecessário.

A propósito, no momento em que rascunhamos este trabalho, somos chamados à atenção, por nossa esposa, para mais um escândalo através da mídia relacionado com o número excessivo de adolescentes grávidas entre 10 e 19 anos. São mães solteiras que, em sua maioria, terão de abandonar a escola para cuidar de filhos sem pais! O próprio Ministro da Saúde se mostra preocupado, achando que tal situação tão seriamente desoladora é consequência dos maus exemplos oferecidos pelos adultos. Aliás, a essa situação de se procurar pôr filhos no mundo, na condição de mães solteiras, o ministro cognominou de *produção independente*. Independente quanto ao arbítrio, sim; mas de modo algum quanto às consequências que acarreta às suas famílias, a esses filhos e ao próprio Estado.

O caso é citado aqui dada a oportunidade do assunto e em face de uma entrevista que acompanháramos, não faz muito tempo, quando um juiz da infância e da juventude orientava a uma mãe solteira, dizendo-lhe que filho vem ao mundo para ter pai e mãe, que a sua educação precisa contar com esse duplo apoio. Dava a entender a todos que estavam presentes àquela solene audiência ser essa a função primacial do casamento: assistência e educação aos filhos, com vistas ao bem-estar e defesa da própria sociedade.

Realmente, essa é a finalidade essencial do casamento num mundo que valoriza a civilização. Caso contrário, a Ciência Espírita, que se encontra na Terra por determinação divina, desde abril de 1857, não lhe daria enfoque tão elevado nas questões 695 a 699 de “O Livro dos Espíritos”, obra máxima do Espiritismo.

Não se trata de mero comentário. É manifestação dos Espíritos superiores por determinação divina, através da mediunidade, advertindo o homem planetário quanto à sua responsabilidade de criatura de Deus presa no escafandro carnal.

Já temos tido diversas oportunidades de tratar desse assunto em palestras nas casas espíritas. E, aqui, ele vem a propósito de uma interessante reportagem, na televisão, a respeito das causas de divórcios ou separações de casais, em que se tenta demonstrar que a razão dos fatos deve encontrar-se nos casamentos indevidos, quando *alguém se consorcia com a pessoa errada*. Se os homens atentassem bem nos ensinamentos do Evangelho, pensariam melhor antes de externar certos juízos relacionados com as separações no casamento.

Vejamos de que modo Jesus respondeu aos fariseus, quando, para tentá-lo, indagaram se era lícito ao homem abandonar a sua mulher por qualquer motivo. E como o Mestre respondesse em sentido contrário, citando a lei divina, eles perguntaram por que Moisés mandou dar-lhe carta de divórcio e abandoná-la? E Jesus, Cristo de Deus, responde-lhes com estas palavras: **“Moisés, por causa da dureza de vossos corações, vos permitiu repudiar as vossas mulheres; mas no princípio não foi assim”** (Mateus, 19:3-8).

A bem da verdade, ninguém casa com a pessoa errada, seja qual tenha

sido o móvel do casamento. Enganam-se os que assim pensam. Os casamentos são sempre acertados ou melhor preparados na vida espiritual, em face dos desacertos, abusos, crimes ou incontinência moral praticados em encarnações anteriores. De modo que os Espíritos comprometidos com a lei divina, no passado, reencarnam com o fim de reparar esses males que envolveram, até mesmo, os que virão depois na condição de filhos.

A reencarnação é a grande e luminosa forma de aperfeiçoamento das almas e reparação dos erros em que se comprometeram por desatentas às leis que regem a Vida. Um dia, quando a Humanidade toda atentar no papel do Espiritismo no mundo, compreenderão que ele não veio para destruir as religiões, pelo contrário, veio para iluminá-las, esclarecendo-as, sobre a lei das vidas múltiplas como meio de purificação dos Espíritos. Nesse dia, todos compreenderão melhor a importante função do casamento.

Compreenderão todos que não há, e nunca houve, casamento errado, nem mesmo no tempo em que os casamentos eram determinados pela tirania dos pais, em face de interesses de ordem econômica e social; nem mesmo quando, ainda hoje, alguém se aproxima de uma mulher ou de um homem com intenções levianas!... Ah, homens do mundo como sois imperfeitos e atrasados, mesmo quando vos vangloriais de vossos títulos acadêmicos!

Cada indivíduo está casado ou vai casar-se com a pessoa certa, com quem se comprometeu na teia dos desatinos e das paixões, num passado distante. O que ocorre é que, após o enlevo das fantasias à qual dão o nome de paixão, caem as máscaras e cada um passa a ver o outro tal como ele é. Porque os casamentos, em nossas sociedades, ainda são provacionais em sua grande maioria. Estudai bem, homens do mundo, a Revelação Espírita.

Há os casamentos de almas que não se rebelam diante do realismo de suas provas ou expiações. E esses são tidos como felizes. E os filhos que deles se originam dispõem de melhor condição de se prepararem para a vida. São casamentos felizes, muitas vezes na aparência, porque representam uniões de almas um pouco mais envolvidas no processo de seu caminhar incessante na direção do infinito bem.

Naqueles lares, porém, onde os pais reagem ou se rebelam diante da prova ou da expiação, os filhos se sentem infelizes e correm riscos sérios em relação à sua formação social, por cujos desajustes os pais responderão mais tarde.

Os divórcios ou separações ocorrem em função do livre-arbítrio de cada casal ou do cônjuge responsável, mas não se encerram aí. Esses Espíritos deverão encontrar-se mais adiante, no roteiro da marcha evolutiva, depois de sofrerem bastante, no cumprimento dos compromissos que retardaram!... Voltaremos ao assunto, oportunamente. ■

Espiritismo e Fonoaudiologia

SYLVIA CRISTINA BARBOSA VIANNA

O Mestre Jesus revelou e nos deixou como legado toda uma doutrina de amor a Deus e ao próximo, plenamente testemunhada por ele mesmo.

Somente com a luz que a Doutrina Espírita projeta sobre o Evangelho podemos entendê-lo em toda a sua profundidade, reconhecendo o seu caráter atual, a real aplicabilidade ao ser humano em suas diferentes necessidades e a relação que guarda com todos os campos do conhecimento humano.

Desta forma, ao analisarmos as passagens evangélicas sob a óptica espírita, podemos perceber relações com a Psicologia, Filosofia, Astronomia, Biologia e outras ciências. Isto nos proporciona um grau de compreensão que vai muito além do religiosismo dogmático.

Existe uma ciência relativamente nova, cuja área de pesquisa é ainda pouco explorada nos artigos e palestras espíritas, apesar de bastante abordada no Evangelho e nas obras psicografadas como as de André Luiz, Emmanuel, Joanna de Ângelis e outros.

Trata-se da Fonoaudiologia, que atua na pesquisa, prevenção, avaliação, diagnóstico e tratamento de desordens da Linguagem, Fala, Voz e Audição.

Sendo a linguagem articulada atributo inerente apenas ao ser humano (Espírito encarnado), ela é o principal recurso de que este se vale para interagir com o outro, ou seja, para conviver com o próximo. Afinal, a comunicação é fruto da necessidade e do desejo do homem, ser gregário por natureza.

O fonoaudiólogo trabalha por uma comunicação plena e saudável, considerando as possibilidades físicas e emocionais do paciente.

Reportemo-nos ao Mestre Jesus, considerando apenas duas passagens que aludem ao uso da fala colocando-as em relação com a Fonoaudiologia:

1. “A boca fala do que está cheio o coração.”

(Lucas, 6:45.)

O coração é o símbolo dos sentimentos, das emoções e das aquisições morais.

Ao relacionar a fala com o que está no coração, podemos entender que o *que, porque, quando e como* falamos deixa transparecer o que vai em nosso íntimo.

Se estamos bem, utilizamos voz sonora e agradável, palavras positivas, entonação que denota bem-estar e otimismo.

Se estamos ansiosos, deprimidos ou enraivecidos, a voz se torna ruidosa, a fala ganha ritmo e colorido que refletem esse estado.

O Mestre Jesus deixa claro, então, que a fala está carregada das emoções e do grau de moralidade de quem diz e, portanto, faz parte do conjunto de comportamentos a serem trabalhados para a elevação no campo dos sentimentos.

A Fonoaudiologia, com uma abordagem terapêutica sistêmico-holística, revela-nos a incontestável descoberta de que a qualidade da produção e emissão da voz falada é sempre fiel às características de personalidade e condições emocionais, juntamente com o aparato estrutural que constitui o mecanismo de funcionamento orgânico.

Os termos **comportamento** vocal/verbal e **conduta** vocal/verbal fazem parte

da abordagem de diagnóstico e tratamento, ao referirem-se às condições peculiares a cada indivíduo. Assim, o paciente submetido à terapia fonoaudiológica hoje, acaba por estabelecer modificações não só no campo da voz, mas também no campo pessoal.

Para a Fonoaudiologia, a voz é a pessoa e é tão única quanto as impressões digitais. Com isso, não se pode negar que “a boca só fala do que está cheio o coração”.

2. “Não é o que entra pela boca do homem que o macula, mas o que sai.”

(Mateus, 15:11.)

Mácula significa nódoa, sujeira, mancha e pode também, se aplicada ao homem, ser entendida como culpa ou defeito.

A assertiva de Jesus nos remete ao pensamento de que, da mesma forma que a fala reflete o íntimo do ser, ela também, num sentido inverso é extremamente responsável pela construção interior. É, ao mesmo tempo, uma das causas e uma das conseqüências diretamente relacionadas com as conquistas e evolução espiritual do indivíduo.

Sabe-se que não há ação sem reação e que não há o que façamos cujas conseqüências não nos atinjam. Este entendimento nos faculta a percepção da lógica da vida e do perfil do mundo em que vivemos, de expiações e provas.

A mácula que podemos nos impor com o que sai pela boca dá cumprimento à lei natural, ou seja, a fala utilizada para fins egoístas, que perverte, incita ao mal, calunia, não passa incólume. Agindo negativamente sobre o ouvinte, retorna ao falante como efeito natural.

Bloqueios ao pleno exercício da fala como gagueiras, afasias, deficiências auditivas e tantas outras podem ser provenientes de causas anteriores ao cometimento orgânico e/ou psicológico que as desencadeou, nesta ou em outra encarnação.

Através da terapia fonoaudiológica, seja qual for a patologia, a pessoa não somente tem aguçada a sua sensibilidade para o órgão afetado e para a função debilitada, como aprende a tirar maior proveito das potencialidades que possui.

Assim, há inevitavelmente, através do auxílio fonoaudiológico, a valorização do dom da fala, revendo conduta e comportamento, cumprindo-se o objetivo da expiação, que também é uma prova que é a reparação da falta com vistas à felicidade.

O objetivo primordial da Fonoaudiologia atual é a prevenção. Esta, vista pelo prisma material, começa no riquíssimo trabalho junto a gestantes, no início da vida física, a fim de que as patologias menos complexas não ocorram e a terapia não seja necessária, o que está em perfeita consonância com os princípios espíritas, que nos convidam ao trabalho contínuo e incessante de prevenção, pelo uso digno do recurso da fala, praticando o amor recomendado pelo Mestre Jesus, de modo que males maiores não nos visitem.

Assim, *“para falar bem e cada vez melhor, devemos falar o bem e o melhor”*.

Com esta prevenção, a boca revelará um coração cada vez mais sensível e bondoso, onde ao invés de máculas, o homem se proporcionará a luz do crescimento espiritual. ■

A FEB e o Esperanto

Zamenhof — 140 Anos de Nascimento

AFFONSO SOARES

O autor do Esperanto nasceu numa região da Polônia chamada Litóvia, em 15 de dezembro de 1859. Seu nome era Lázaro Luís Zamenhof e sua pátria, na época, estava anexada ao Império Russo.

Zamenhof descendia de judeus que para aquela região da Polônia haviam emigrado em virtude de perseguições, e não foi absolutamente por acaso que ele nasceu ali.

No seu tempo, viviam na Litóvia quatro raças diferentes, falando línguas diferentes e cultivando religiões que se hostilizavam. Dessas condições se aproveitava a política opressora do Czar da Rússia, estimulando a divisão, fomentando discórdias que culminavam em perseguições e matanças.

Quando Zamenhof tinha apenas quatro anos, em 1863, uma revolução havia sido afogada em sangue.

Tudo isso necessariamente exerceu profunda influência na personalidade daquela criança sensível, cujo corpo abrigava o Espírito de um dos mais categorizados missionários da paz e da concórdia entre os povos. Trazendo do Espaço a missão de legar à Humanidade um instrumento de comunicação para todas as nações, instrumento que fosse igualmente veículo de fraternidade, de justiça, de compreensão, Zamenhof teria que ressurgir no mundo num ambiente que lhe favorecesse, desde cedo, a inclinação aos trabalhos em prol da grande causa. Por isso é que, desde a infância, o ideal de aproximar os homens por meio de uma língua internacional neutra empolgou o menino, acompanhando-o até os últimos dias de sua vida física.

Zamenhof iniciou bem cedo os esforços por conceber o Esperanto. Melhor diríamos: esforços por recordar o que já havia concebido no mundo espiritual.

Ainda aluno do ginásio, ele trabalhava persistentemente em seu projeto. Nesse caminho, pensou, inicialmente, em reviver o latim. As dificuldades que se levantaram o conduziram às tentativas de elaborar um idioma feito todo de palavras novas, criadas por ele. As novas barreiras o fizeram desistir dessa idéia, por ser contrária à Natureza.

Um dos traços frisantes da sua personalidade era reunir coragem e humildade. Não se obstinava no que considerava errado ou inútil. Quando iniciou os estudos do inglês, ficou encantado com a simplicidade de alguns aspectos de sua gramática, sem declinações e conjugações complicadas. O russo, o alemão e o polonês o levaram a reconhecer a possibilidade de reduzir o vocabulário por meio de um sistema de afixos. O francês e o alemão também o inclinaram a reconhecer a utilidade do artigo definido. E o conhecimento de outras línguas mostrou-lhe um grande número de palavras de uso internacional, certamente aproveitáveis numa língua internacional.

É no ano de 1887 que ele lança o primeiro livro do idioma, destinado aos povos de língua russa, e o seu aparecimento foi o fruto de longos, pacientes e sacrificiais esforços, pois Zamenhof não tinha dinheiro e nenhum editor acreditava em seu projeto para nele se arriscar.

O Alto então lhe envia dois dedicados obreiros da grande causa: a noiva,

Klara Zilbernik, e o futuro sogro, Alexandre. Ambos concordam em ceder parte do dote da futura esposa para financiar a edição.

A censura também era um sério obstáculo no Império Russo, mas graças às boas relações de Marko Zamenhof, seu pai, com o censor de Varsóvia, o primeiro livro aparece na capital polonesa em 26 de julho de 1887, seguindo-se-lhe as edições em polonês, francês, alemão e inglês. O livrete, de apenas 40 páginas, com o título “Língua Internacional”, continha um vocabulário russo-esperanto, as dezesseis regras gramaticais, meia dúzia de textos, dentre os quais dois poemas originais. A grandeza moral e a genialidade de Zamenhof logo se revelam numa pequena frase impressa na página de rosto: *“Como todas as outras línguas, a Língua Internacional é patrimônio da sociedade, pelo que o autor renuncia, para sempre, a todos os direitos pessoais sobre ela.”*

Lançado o primeiro livro de Esperanto, Zamenhof, com o inestimável auxílio da esposa, inicia a sua distribuição a todos os recantos do Globo. Muitos se entusiasмам, aprendem a nova língua e, em breve, as cartas dos novos discípulos chegam ao lar do jovem casal, vindas de todos os continentes. Zamenhof começa o trabalho de sustentação do movimento esperantista.

Diariamente, em meio a problemas prementes para garantir a subsistência da família, ele escreve peças originais e traduz o que de melhor existe na literatura universal: aparecem sucessivamente em Esperanto *George Dandin*, de Molière, *Ifigênia em Táurida*, de Goethe, *Os Salteadores*, de Schiller, *O Rabino de Bacará*, de Heine, *Hamlet*, de Shakespeare, *Fábulas*, de Andersen, e *O Velho Testamento*. Com a colaboração de outros estilistas, com a adesão de Lev Tolstói, o Esperanto começa a firmar-se como língua literária, deixava de ser um mero projeto para se tornar veículo de comunicação de uma nova coletividade, formada por homens e mulheres de diversas nacionalidades, línguas, culturas, costumes, raças e religiões. Manifestava-se por ela a personalidade planetária do homem.

Até o ano de 1904, poucos eram os contactos entre os esperantistas espalhados no mundo. Era necessário provar o idioma no uso oral, e a ocasião surge nesse ano de 1904, quando esperantistas franceses, ingleses e suecos se reúnem na cidade de Calais, na França.

O êxito desse encontro leva os participantes a planejarem a realização do 1o Congresso Universal de Esperanto, o que se verifica em 1905, na cidade francesa de Boulogne-sur-mer. Ali se reúnem cerca de 700 pessoas de 20 países. Zamenhof abre os trabalhos com um belíssimo, emocionante discurso em que define o ideal do Esperantismo:

“Estejamos bem conscientes da gravidade do dia de hoje, porque aqui, entre os muros acolhedores de Boulogne-sur-mer, não se reúnem franceses com ingleses, russos com poloneses, mas tão-somente seres humanos. Bendito seja este dia, grandes e gloriosas sejam suas conseqüências!”

Pela primeira vez na História, homens de nações diferentes começavam a se entender por meio de uma língua neutra que todos sentiam como a sua própria língua.

O Esperanto Funcionava! E as causas de seu sucesso, sempre e cada vez mais crescente, podem ser assim resumidas:

- Internacionalidade e universalidade efetivas de seus objetivos;
- Estrutura e vocabulário internacionais ao máximo;
- Internacionalidade da coletividade que o possui e usa;
- Internacionalidade de sua literatura original;
- Ideal humanitário de aproximação dos homens.

O Esperanto provou que uma língua internacional é necessária, possível, viável e que somente ele, por sua absoluta neutralidade, pode desempenhar essa grave função social. Zamenhof assim resumiu o ideal do Esperantismo: *“Desejamos criar um fundamento neutro, sobre o qual os povos possam relacionar-se pacífica e fraternalmente, sem se imporem as suas particularidades nacionais.”*

Convém sabermos que Zamenhof também sonhava com uma religião universal, sendo o Esperanto um meio para se atingir essa meta. Nesse sentido, concebeu um sistema para aproximar os homens sobre um terreno religioso neutro, dando-lhe o nome de *Homaranismo*. Mas não foi compreendido, certamente porque o mundo ainda não está maduro o suficiente para a vivência de tão altos ideais, importando que a dor, individual e coletiva, ainda faça a sua obra educativa.

Zamenhof desencarnou em 14 de abril de 1917, em plena Primeira Guerra Mundial. Seu coração não resistiu aos golpes desfechados contra os ideais a que devotara toda a sua existência.

Em Varsóvia, poucos esperantistas acompanharam o féretro do venerando líder. Nenhum governo se fez representar, nenhuma honraria. Mas, em compensação, uma imensa legião de clientes pobres de sua clínica de olhos o acompanhou até ao túmulo, todos com os corações apertados mas imensamente gratos ao bondoso médico, cuja caridade jamais lhes negou assistência.

O Espírito do grande missionário se manifestaria, em 1943, através da mediunidade de Francisco Valdomiro Lorenz, a quem dita belos poemas enfiados na obra *“Vortoj de Poetoj el la Spirita Mondo”*, editada pela Federação Espírita Brasileira. ■

1º Congresso Espírita Brasileiro

Momento de reflexão em torno da Doutrina e espaço de confraternização da família espírita

Reunindo mais de duas mil e quinhentas pessoas no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia (GO), o 1º Congresso Espírita Brasileiro, promovido pela Federação Espírita Brasileira e realizado pela Federação Espírita do Estado de Goiás, cumpriu plenamente seu objetivo. O entusiasmo e a vibração dos congressistas vindos de todas as regiões do Brasil e de outros países formaram o clima permanente do Congresso.

SESSÃO DE INSTALAÇÃO

A Sessão de Instalação, na noite de 1º de outubro, foi iniciada com a apresentação da Orquestra de Câmara Brasil Central, seguindo-se a projeção de um vídeo sobre a Repercussão da obra de Francisco Cândido Xavier. Formavam a Mesa: Juvanir Borges de Souza, Presidente da Federação Espírita Brasileira; Umberto Ferreira, Presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás; Nestor João Masotti, Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional; Weimar Muniz de Oliveira, Coordenador da Comissão Executiva do Congresso; Marlene Rossi Severino Nobre, Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil; Divaldo Pereira Franco, orador da solenidade, assim como os Presidentes e Representantes das Federativas e Entidades que integram o Conselho Federativo Nacional, os membros do CEI e outros congressistas do Exterior. Após a prece de abertura, o Presidente da FEB proferiu a saudação aos congressistas (publicada como Editorial desta edição), seguindo-se-lhe com a palavra o Presidente da FEEGO e o Secretário-Geral do CEI. Divaldo Franco proferiu excelente palestra sobre o Tema Central do Congresso — Espiritismo no Brasil: Ontem, Hoje e Amanhã.

DESENVOLVIMENTO DO TEMÁRIO

Os trabalhos do Congresso tiveram início na manhã do dia 2 de outubro e prosseguiram até a tarde do dia 3, em dois auditórios e seis salas, todos com a presença de grande número de congressistas. O Tema Central foi desdobrado em Temário Oficial e Temas Gerais, como segue: Temário Oficial: 24 temas e 40 subtemas, apresentados através de 12 painéis, 4 palestras e 12 seminários; Temas Gerais: 13. Participaram expositores experientes, conhecedores da Doutrina e dos assuntos tratados. Houve, também, a apresentação de 44 Temas Livres, sobre variados assuntos relacionados com o temário do evento.

CINQUENTENÁRIO DO “PACTO ÁUREO”

Na noite de 2 de outubro, como parte do programa do Congresso, realizou-se a Reunião do Conselho Federativo Nacional Comemorativa do Cinquentenário do “Pacto Áureo” — Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro assinado na Grande Conferência Espírita realizada no Rio de Janeiro, na sede da FEB, em 5 de outubro de 1949. Compareceram os Presidentes ou

Representantes das Federativas Estaduais e das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional (Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo, Cruzada dos Militares Espíritas e Instituto de Cultura Espírita do Brasil).

Os trabalhos foram dirigidos pelo Presidente da FEB, Juvanir Borges de Souza, que também preside o CFN, o qual fez pronunciamento sobre a importância do “Pacto Áureo”. Falaram em nome das Instituições que integram o CFN: pela Região Norte, Jonas da Costa Barbosa, Presidente da União Espírita Paraense; pela Região Nordeste, José Raimundo de Lima, Presidente da Federação Espírita Paraibana; pela Região Centro, Pedro Valente da Cunha, Presidente da União Espírita Mineira; e pela Região Sul, Éder Fávoro, Presidente da ABRADE. Com a palavra, para manifestar-se sobre o evento e proferir a prece de encerramento, Divaldo Pereira Franco recebeu, por via psicofônica, importante mensagem do Espírito Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, que, quando encarnado, foi signatário do “Pacto Áureo”.

Nas solenidades de abertura e encerramento e nos intervalos das atividades foi apresentada excelente programação artística, de que participaram: Orquestra de Câmara Brasil Central, Coral Arte Viva, Coral Ismael, Coral Vozes da Esperança, Grupo Vocal Meimei, Oficina de Arte, Grupo Arte Nascente e algumas interpretações individuais.

As atividades do Congresso foram transmitidas para a Região Metropolitana de São Paulo, Grande ABC e cidades do Interior pela Radio Boa Nova de Guarulhos (1450 AM).

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A Sessão de Encerramento ocorreu a partir das 16h30 do dia 3, com a participação especial do Coral Vozes da Esperança e a projeção de um vídeo em homenagem a Allan Kardec, cujo aniversário de nascimento era comemorado naquele dia. A constituição da Mesa foi a mesma da Instalação. O Presidente da FEB transmitiu sua mensagem aos congressistas falando em seguida o Presidente da FEEGO, a representante do CFN, Edinólia Pinto Peixinho (Presidente da Federação Espírita do Estado da Bahia), o representante do CEI, Edwin Bravo Marroquin, da Guatemala, e o Coordenador da Comissão Executiva do 1º CEB. Divaldo Pereira Franco proferiu brilhante palestra, baseada no subtema do Congresso — *Ação Espírita: Confraternizar, Unificar e Divulgar* — e, ao final, recebeu, por via psicofônica, a mensagem do Espírito Dr. Bezerra de Menezes que publicamos nesta edição, com o título *União dos espíritos*.

▪

PARTICIPANTES NO CONGRESSO

Brasil

Goiás	785
Outros Estados	1.551
Total	2.336

Exterior

Alemanha, Estados Unidos,

Guatemala, Inglaterra,

Moçambique, Portugal e Suécia 19

Pessoal de Organização e Apoio 203

Total Geral 2.558

Flávio de Souza Pereira

LAURO DE OLIVEIRA S. THIAGO

No dia 7 de agosto do corrente ano desencarnou o confrade e dileto amigo cujo nome encima esta coluna.

Flávio era nosso amigo desde o tempo em que nos conhecemos no Instituto de Cultura Espírita, então sob a presidência de Deolindo Amorim. Ultimamente, Flávio vinha sendo nosso companheiro constante na tribuna da FEB, incumbindo-se de fazer a palestra nas reuniões domingueiras que, em rodízio com os companheiros de Diretoria, tínhamos de presidir na Avenida Passos, 30.

Sobre o Flávio, podemos dizer que foi um espírita sincero, convicto, ativo e militante. Mais que isso, um verdadeiro espírita-cristão. Muito lhe somos grato, como o são todos os que na FEB contaram com a sua boa amizade. Ele foi sempre um justo e leal amigo da Federação.

Apoiar-nos-emos, a seguir, em informações a nós fornecidas pelo confrade Antônio Lucena.

Flávio de Souza Pereira era fluminense. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Paraíba do Sul, em 2 de março de 1918. Seus pais foram Antônio de Souza Pereira e D. Jovelina Penicche Pereira. Fez estudos primários na própria Paraíba do Sul, mas muito jovem ainda veio para o Rio de Janeiro, onde prosseguiu seus estudos. Aos 18 anos foi admitido como funcionário da “Light” (Light and Power). Continuou seus estudos na Escola Técnica da Light, onde se especializou como desenhista; e mais tarde na Escola São Paulo, onde freqüentou cursos de radiotecnica e de fotografia. Esses estudos lhe serviram muito, mais tarde, em suas atividades profissionais, especialmente de desenho técnico e industrial, inclusive quando teve de empregar-se na “Esso”, empresa na qual se aposentou.

Flávio foi casado com D. Ipoméa Alves Pereira. O casal teve cinco filhos: Flávio, Rita Maria (que, recentemente, antes do pai, também desencarnou), José Antônio, José Luiz e José Carlos (este também, desencarnado). A esses veio juntar-se um filho adotivo: Manoel Cruz. Com exceção de José Luiz, todos casados, tiveram filhos, dando aos avós onze netos e uma neta.

Flávio não foi espírita de nascimento. Seus pais eram católicos; por isso, em sua infância freqüentou a Igreja Católica.

Crescendo, muito curioso que era, procurou conhecer o Protestantismo e, ainda em Paraíba do Sul, chegou a freqüentar a Igreja Presbiteriana. Quis também conhecer o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e o fez através dos livros que o próprio Círculo publicava. Muito moço ainda, bem antes de dezoito anos, foi convidado a ir a um Centro Espírita. Sua verdadeira conversão, porém, que lhe deu plena satisfação, deu-se um pouco mais tarde e aqui no Rio de Janeiro. Na “Light” conheceu um colega de trabalho que era espírita. Esse colega estava passando por rude provação e sofrendo muito, devido a sérios problemas familiares.

Flávio sabia do grande sofrimento do amigo, mas não podia compreender a sua extraordinária resignação. Passou a admirar muito o amigo espírita não só pelo seu digno comportamento no trabalho, mas sobretudo pela paciência, resignação e elevada compreensão com que ele encarava o sofrimento. Isso influenciou para que aceitasse o conselho desse amigo, induzindo-o a freqüentar com ele uma instituição espírita. E Flávio fez, então, sua iniciação no Espiritismo

freqüentando com esse amigo a Federação Espírita Brasileira. Mais tarde, sabendo da existência da Liga Espírita do Brasil, desejou a ela associar-se e, na sua ânsia de tudo conhecer, freqüentou também a antiga Faculdade de Estudos Psíquicos e, finalmente, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, que veio substituir aquela Faculdade, por iniciativa de Deolindo Amorim. Assim continuou o nosso confrade em sua vida, dedicando-se à prática e à difusão do Espiritismo, como podia, na imprensa, na tribuna, no rádio.

Colaborou em *Mundo Espírita* e outros jornais doutrinários. Consagrou-se também à realização de palestras em todo o Rio de Janeiro e fora do Rio. Com Geraldo de Aquino participou de muitos programas radiofônicos, especialmente o *Programa João Pinto de Souza*. Participou de diversas Semanas Espíritas, de vários Simpósios e de Cursos, bem como de Congressos Espíritas. Com Leopoldo Machado tomou parte na Comissão Organizadora do 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, realizado em 1948, de 17 a 25 de julho. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE) e compareceu a diversos Congressos por ela realizados. Pertenceu ao Conselho da Rádio Rio de Janeiro e, como suplente, do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, desde 1991 até sua desencarnação. Flávio de Souza Pereira pertenceu, também, ao Conselho Federativo Nacional da FEB, como representante do Estado de Roraima, tendo antes representado também outros Estados.

Devemos ressaltar ainda em Flávio a sua grande vocação de esperantista e, neste particular, foi autodidata, pois estudou sozinho, com auxílio apenas do livro "O Esperanto sem Mestre", de Francisco Valdomiro Lorenz, mas se tornou mestre, pois a muitos ensinou, depois, e foi também autor de um útil opúsculo — "O Esperanto em poucas palavras".

Por todos esses títulos, o Espírito Flávio, agora liberto das peias carnis, é digno de toda reverência, gratidão e saudade da Federação Espírita Brasileira, que ele soube, ainda encarnado, compreender, honrar e muito amar. Deus lhe conceda paz e felicidade na verdadeira pátria — a espiritual —, são os votos de todos os companheiros da Casa de Ismael. ■

Conselho Espírita Internacional

Realizada em Montevideu a 6ª Reunião Ordinária

O Conselho Espírita Internacional promoveu em Montevideu, Uruguai, sua 6ª Reunião Ordinária, no período de 8 a 10 de outubro. Estiveram presentes, além dos integrantes da Comissão Executiva do CEI, representantes dos seguintes países-membros: Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália, Paraguai, Portugal, Suécia e Uruguai, tendo justificado a ausência as representações da Colômbia, Japão, México e Peru. Participaram, também, como convidados, representantes das Instituições Espíritas de Angola e do Chile. A reunião foi presidida pela Representante do Paraguai, conforme decisão na reunião de Lisboa, em 1998.

Destacamos, dos assuntos tratados, os seguintes:

Relato dos Representantes: O relato dos Representantes presentes à reunião sobre as atividades realizadas e programadas em seus respectivos países demonstrou crescimento do trabalho de difusão, estudo e prática da Doutrina Espírita em todos eles.

Integração de novas Entidades no CEI: Foi aprovada Resolução que orienta a admissão de novos membros no CEI. Em seguida foi aprovada também a integração das seguintes Entidades: Union Spirite Belge, da Bélgica, e Gruppen for Spiritistiske Allan Kardec, da Noruega. A representação dos Estados Unidos, que vinha sendo feita pela Federación Espiritista de la Florida, passou para a United States Spiritist Council e a representação do Peru, que estava com o Centro de Fraternidad Espírita Francisco de Assis (CEFEFAS), passou para a Federación Espírita del Peru (FEPERU).

Diretrizes de Apoio: Foi acolhido, para estudo, análise e utilização em caráter experimental, um texto apresentado pela Comissão Executiva, com o título “Diretrizes de Apoio para as Atividades Espíritas”.

Coordenadorias das Américas e da Europa: Foram acolhidos para estudo e posterior aprovação os seguintes documentos apresentados pela Comissão Executiva: Programa de Trabalho para as Coordenadorias de Apoio aos Movimentos Espíritas das Américas e da Europa; Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas, com vistas à Campanha de Divulgação do Espiritismo.

Esperanto: Uma equipe devidamente preparada e previamente convidada fez uma apresentação destinada à difusão e ao estudo do Esperanto e à sua utilização nas atividades do CEI.

Congressos Mundiais: 3º Congresso Espírita Mundial do CEI, a ser realizado na Guatemala de 1o a 5 de outubro de 2001 pela Cadena Heliosophica Guatemalteca — estão bastante adiantados os preparativos; 4o Congresso Espírita Mundial do CEI, a realizar-se na França em 2004 — a Union Spirite Française et Francophone já nomeou a sua Comissão Organizadora; 5o Congresso Espírita Mundial do CEI — foi aprovada a sua realização nos Estados Unidos da América, em 2007.

Apoio a Eventos: O CEI deu o seu apoio à Conferência Espírita Brasil-Portugal, que a FEB e a Federação Espírita Portuguesa promoverão em Salvador (BA), em março/2000, e ao Congresso Espírita Americano, que o United States Spiritist Council realizará em Miami em outubro/2000.

UNESCO — Manifesto 2000 Por Uma Cultura de Paz e Não-Violência: Analisando a proposta da UNESCO relacionada com a campanha acima referida, o CEI aprovou o seu apoio e participação, tendo em vista que os objetivos dessa campanha se harmonizam com os da Doutrina Espírita.

7ª Reunião Ordinária do CEI: Será realizada em Miami (EUA) no período de 2 a 4 de outubro de 2000, sob a presidência do Representante da França. •

Algumas abordagens recentes dos fenômenos espíritas

SILVIO SENO CHIBENI

Neste artigo analisa-se brevemente o estatuto científico de algumas abordagens recentes de investigação de fenômenos espíritas.¹

Questão:

A transcomunicação instrumental, o fenômeno de quase-morte e a terapia de vidas passadas, que surgiram recentemente como novos campos de estudos, investigam fenômenos que representam desafios para as concepções científicas vigentes. Dentro da filosofia da ciência, qual seria a postura adequada a ser seguida no seu estudo? Alguns espíritas têm participado individualmente do desenvolvimento dessas pesquisas. Seria recomendável um engajamento das instituições espíritas? Haveria justificativa para algo como um comitê de investigação patrocinado por uma Federação ou um Conselho espírita?

Resposta:

Parte 1

A análise do estatuto científico das três áreas de investigação mencionadas deve ser precedida de algumas considerações filosóficas gerais, complementares às tecidas nos artigos anteriores. Na segunda parte do artigo (que não fez parte da entrevista ao GEAE) farei alguns breves comentários particulares sobre cada uma delas.

A abordagem científica de qualquer classe de fenômenos requer o cumprimento de uma série de condições. Não há espaço aqui para enumerá-las. Poderia destacar, no entanto, que o desenvolvimento de uma disciplina científica pressupõe não apenas a observação rigorosa dos fatos, mas principalmente a formulação de teorias logicamente consistentes, abrangentes, coerentes, simples e integradas às teorias estabelecidas de domínios conexos de fenômenos. Insisto nesse ponto porque a falha metodológica mais comum nas linhas de investigação que têm pretendido, sem sucesso, suplantarem o Espiritismo em nome da cientificidade é exatamente a desatenção ao aspecto teórico. Aliás, como já indiquei em alguns dos artigos mencionados na lista bibliográfica, isso parece ser uma herança indesejável das concepções antigas de ciência, de cunho

¹ O conteúdo da primeira parte deste texto corresponde, com algumas adaptações, a parte de entrevista concedida por mim ao GEAE (Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo), pioneiro na divulgação do Espiritismo pela Internet. A entrevista foi publicada no Boletim n. 300 (edição extra), que circulou em 7/7/1998, podendo ser encontrado no site <http://www.geae.org>. Gostaria de agradecer ao GEAE a anuência para o aproveitamento desse material nesta série de artigos. Sou especialmente grato a Ademir L. Xavier Jr. pela iniciativa da entrevista e por haver lido uma versão preliminar deste artigo: Sou grato ainda a Carlos A. Iglesia Bernardo, que reuniu as relevantes e oportunas questões.

positivista. (Consultem-se também, a esse respeito, os textos de Aécio Chagas.)

O que efetivamente tem sido publicado com relação às aludidas abordagens não alivia a suspeita de que as falhas de concepção científica que caracterizaram a metapsíquica e a parapsicologia não foram definitivamente superadas. Não se pode, evidentemente, generalizar; mas que há um risco potencial aqui, há. Seria sensato que os investigadores interessados nesses fatos, ou alegados fatos, desenvolvessem seus estudos a partir do fértil e seguro programa científico de pesquisa espírita, pois que nunca se apontaram razões ponderáveis para a sua substituição. Ao invés disso, avança-se explicita ou implicitamente que serão essas e outras linhas de pesquisa assemelhadas que finalmente colocarão o estudo do espírito na rota da ciência...

Quanto ao engajamento de instituições espíritas, com a constituição de comissões, não parece recomendável, não apenas em vi-ta das reservas expressas acima, mas também porque tal prática não mais condiz com a ciência, devendo ser deixada para partidos políticos, administradores e seitas hierarquizadas. Na ciência, e portanto no Espiritismo, a regra do jogo é o livre-exame, o intercâmbio de idéias, a sujeição de todas as propostas à mais vigorosa crítica. Que cada um, pois, investigue o que achar melhor, já que todo fato tem uma certa importância para o nosso conhecimento do mundo; previna-se, no entanto, de assumir certas teses filosóficas sobre a cientificidade desse ou daquele método, dessa ou daquela disciplina, sem o necessário respaldo em estudos profissionais.

Parte 2

Sem pretender fazer plena justiça à complexidade do assunto, indico agora de forma muito sucinta aquilo que me parece mais importante na análise particular de cada uma das abordagens mencionadas na questão.

Começemos pela chamada “*transcomunicação instrumental*” (TCI). Relembrando o que foi visto no artigo anterior, o objeto de estudo do Espiritismo é o elemento espiritual. Portanto ele não é da alçada das ciências acadêmicas. Segundo a concepção contemporânea de ciência, o Espiritismo é científico devido às características estruturais de sua teoria e o modo pelo qual se relaciona com os fenômenos: malha teórica hierarquizada, coerente e simples, em simbiose com a totalidade dos fenômenos, acoplada a regras metodológicas de preservação das leis básicas e de desenvolvimento da teoria.

Conforme Kardec apropriadamente notou em diversos lugares, o estabelecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo prescinde de análises quantitativas, e portanto de aparelhos. O mero emprego de aparelhos não assegura a cientificidade de nenhuma disciplina. Só são usados nas ciências ordinárias porque não há outro recurso para a detecção de certas entidades e aspectos do mundo material. No entanto, deve-se lembrar que seu uso *diminui* o grau de confiabilidade epistêmica: *quando possíveis*, as observações sem aparelhos são sempre mais seguras.

Ademais, quando se trata de uma área de investigação nova o apelo indiscriminado a aparelhos pode encobrir deficiências metodológicas, dando uma falsa impressão de cientificidade. Para uma análise um pouco mais extensa desses tópicos complexos, do âmbito da epistemologia (teoria do conhecimento), remeto o leitor aos três primeiros textos de minha autoria da lista bibliográfica, assim como aos artigos de Aécio Chagas nela citados.

Desse modo, à luz de uma análise epistemológica rigorosa o cerne da alegada justificativa de se usar aparelhos para a comprovação da existência do espírito fica comprometido. Aliás, como também comento no artigo “Ciência espírita”, a investigação dessa questão não constitui tópico de pesquisa

propriamente *espírita*, já que, em boa razão, quem estiver em dúvida sobre a existência do espírito ainda não será espírita. O Espiritismo alcançou a certeza sobre isso nos primórdios de seu desenvolvimento, e por meios epistêmica e cientificamente irretocáveis. É claro que aqueles que deixaram de estudar essas origens, os fatos e a teoria espírita, e ainda não se convenceram, têm o direito de investigar a questão como melhor lhes pareça, correndo os riscos peculiares à metodologia que escolham.

Cumpra agora notar que segundo a teoria espírita os alegados fenômenos de TCI são possíveis. A se comprovarem, serão mais uma modalidade de fenômenos de efeitos físicos. Neste caso, a evidência que poderão fornecer necessariamente será *menos* confiável do que a obtida pelos fenômenos de efeitos físicos mais simples (sons diretamente perceptíveis, movimentos de objetos, etc.), que a seu turno são menos confiáveis do que os fenômenos de feitos intelectuais, conforme ressaltou Kardec em diversas de suas obras.

Ainda segundo constatou Kardec, nos fenômenos de efeitos físicos o Espírito nunca atua diretamente sobre a matéria: precisa *sempre* do concurso de um médium (que pode nem saber que está participando da ocorrência). Kardec desenvolve interessante teoria acerca das manifestações físicas no cap. IV da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*. Sobre o papel do médium na produção desses fenômenos, ver também nessa obra os parágrafos 74 (itens 8 e 9) e 223 (questões 9 e 9a). Assim, uma outra justificação dada para as investigações de TCI — a possibilidade de se dispensarem os médiuns — não encontra respaldo doutrinário.

Análise da literatura sobre a TCI em diversas ocasiões infelizmente evidencia não apenas desatenção para com os aspectos filosóficos e teóricos apontados acima, mas também pouco rigor científico. Sons confusos e imagens grotescas são dados como evidência ou mesmo prova, expondo os pesquisadores ao ridículo nos meios acadêmicos (conforme, aliás, se constatou recentemente em programa televisivo brasileiro). Em um esforço desesperado, até mesmo prováveis fraudes têm sido produzidas e divulgadas, num atentado aos princípios éticos que deveriam nortear tais estudos. Isso tudo parece confirmar as observações de Kardec de que os fenômenos de efeitos físicos são mais comumente produzidos por Espíritos inferiores em saber e moralidade.

Não me alongarei sobre esse tópico, dado que existem excelentes análises publicadas na imprensa espírita. Recomendaria, em particular, os artigos de Ademir L. Xavier Jr. e Josué de Freitas incluídos nas referências bibliográficas.

Assim como os fenômenos de ação dos Espíritos sobre objetos inanimados, os chamados "*fenômenos de quase-morte*" apresentam potencial interesse para a investigação do elemento espiritual do ser humano. E tanto em um caso como no outro a contribuição experimental e teórica do Espiritismo não deve ser desconsiderada. Ele fornece um arsenal de informações e métodos valiosos para o exame da questão, tendo já podido penetrar muito além do mero registro e catalogação dos relatos empíricos. A renúncia em aproveitar suas contribuições representa prejuízo certo para a interpretação e controle científicos dos fatos.

Mais uma vez, é o que infelizmente vem ocorrendo com freqüência. Nos estudos não-espíritas dos casos notam-se amiúde limitações diversas, entre as quais destacaria a falta de recursos rigorosos de avaliação, que permitam separar de modo seguro as várias causas possíveis dos fenômenos: fisiológicas, anímicas e espirituais. À luz do conhecimento espírita, o alto grau de uniformidade dos relatos (luzes, seres vestidos de branco, "túnel", etc.) é indicativo da preponderância de fatores dos dois primeiros tipos, já que sabemos

das lamentáveis condições em que vive e desencarna a maioria dos habitantes deste planeta.

Conforme ressaltam os filósofos da ciência contemporâneos, é somente uma teoria sólida e bem estruturada que confere fertilidade experimental e interpretativa ao estudo dos fenômenos. Kardec notou o ponto mesmo em sua época, conduzindo suas investigações num processo integrado de teoria e experimentação. Comentando essa questão filosófica no parágrafo 29 de O Livro dos Médiuns, observa:

Podemos dizer que, para a maioria dos que não se preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera de seu ponto de vista e a explica a seu modo [...].

Essa “sanção racional” é a que advém da explicação dos fatos através da teoria. No parágrafo 34, após ressaltar a importância dos fatos na fundamentação da teoria, Kardec considera, por outro lado, que de dez pessoas novatas que assistam a uma sessão de experimentação espírita “nove sairão sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, por não terem as experiências correspondido ao que esperavam”. Prossegue então Kardec:

O inverso se dará com as que puderem compreender os fatos, mediante antecipado conhecimento teórico. Para estas pessoas, a teoria constitui um meio de verificação, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se lhes deve pedir o que não podem dar. Assim, pois, a inteligência prévia dos fatos não só as coloca em condições de se aperceberem de todas as anomalias, mas também de apreenderem um sem-número de particularidades, de matizes, às vezes muito delicados, que escapam ao observador ignorante.²

Em suma, uma apreciação semelhante pode ser feita da TCI e dos fenômenos de “quase-morte”: são áreas legítimas de investigação, mas de importância apenas relativa para o Espiritismo, estando longe de constituir bases sobre as quais deva apoiar-se, nem mesmo em nome de uma suposta cientificidade. Ademais, na pesquisa de tão complexos e delicados fenômenos não se pode prescindir do conhecimento espírita, arduamente adquirido, sem que se retroceda científica e filosoficamente.

Passando, por fim, à chamada “*terapia de vidas passadas*” (TVP),³ saliento de início que as considerações filosóficas que vêm de ser tecidas acerca das duas outras abordagens aplicam-se, *mutatis mutandis*, também a ela. A possibilidade do fenômeno de regressão de memória está estabelecida há muito nos anais do Espiritismo, desde a obra de Kardec. Fenômenos desse tipo podem ser relevantes para a comprovação da existência do espírito, da reencarnação e da lei de causa e efeito, entre outros pontos importantes. Não são, todavia, determinantes, e sua complexidade só pode ser decifrada à luz da teoria espírita. Mais uma vez, aquilo que se observa nesse campo é passível de interpretações múltiplas, e a ausência de uma teoria sólida pode reduzir seu estudo a um

² . Essas passagens e outras correlacionadas são analisadas na seção 2 do artigo “A excelência metodológica do Espiritismo”, citada nas referências bibliográficas.

³ 3. Alguns adeptos preferem dizer “terapia de vivências passadas”, na tentativa de evitarem o compromisso com a tese da reencarnação. Abrigam-se, assim, sob uma perspectiva demasiadamente genérica, que contribui, malgrado sua intenção, para distanciar ainda mais seus estudos de uma legítima cientificidade.

empirismo anticientífico, propiciador de equívocos e ilusões. O terreno para os adversários do Espiritismo ficaria, assim, aplainado.

O que singulariza a proposta da TVP são suas implicações éticas. Constatada a possibilidade do fato, Kardec tratou de aprofundar esse aspecto, como costumava fazer em todas as suas investigações científicas. Assim é que encontramos seções com o título “Esquecimento do passado” tanto em *O Livro dos Espíritos* (cap. 7 da segunda parte, questões 392 a 399) como em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. 5, n. 11). A leitura e reflexão sobre o rico conteúdo desses textos é indispensável a quem quer que se interesse pelo assunto e se preocupe em evitar passos em falso.

Tentando uma difícil síntese, diria que, embora possível enquanto fenômeno, a recordação explícita do passado foi providencialmente velada por um mecanismo natural relativo à encarnação. Interferir deliberadamente nesse mecanismo pode significar a violação de uma lei natural, e isso não se faz sem as correspondentes conseqüências. Vejamos estas palavras de Kardec na citada seção de *O Evangelho segundo o Espiritismo*:⁴

“Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, enterrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.”

Freqüentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida.

Pouco lhe importa saber o que foi antes; se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Em conhecida página psicografada em 1991 por Chico Xavier, Emmanuel desenvolve graves considerações relativas à recordação induzida do passado, em inteiro acordo com o que se acabou de ler (ver referências). Outros autores abalizados, tanto encarnados como desencarnados, têm escrito sobre o tema, ao longo das mesmas linhas.

Quando a recordação ocorra *espontaneamente*, obedecerá por certo a uma determinação útil, sendo freqüentemente controlada por Espíritos superiores. (Ver *O Livro dos Espíritos*, comentário à questão 399.) Tais Espíritos têm o poder de penetrar minuciosamente o passado das pessoas envolvidas num determinado problema e, avaliando com segurança a conveniência de uma recordação mais explícita por parte dessa ou daquela, podem promovê-la por

⁴ **4. Os destaques são meus. É interessante notar que este trecho foi adaptado do comentário à questão 394 do Livro dos Espíritos.**

recursos que lhes são próprios. No entanto, isso se dá em geral durante o sono (se a pessoa estiver encarnada), como se relata em algumas obras mediúnicas confiáveis. (Aliás, na seqüência do texto supracitado Kardec alude à naturalidade com que a recordação ocorre durante o sono.) Ao despertar, o ser guardará intuição mais ou menos vaga do que se passou, podendo aproveitar a experiência em seu benefício.

Ora, parece temerário adaptar esses procedimentos levados a efeito no mundo espiritual para o nosso plano de ação. Primeiro, em geral não dispomos das necessárias informações prévias acerca do passado do “paciente”. Depois, nem sempre teríamos o discernimento suficiente para processar essas informações e decidir o melhor curso a seguir. Além disso, poderemos não ter as técnicas adequadas para promover a regressão na medida e nas condições certas. E, por fim, não contamos com a proteção natural do esquecimento parcial que o retorno ao corpo denso propicia.

Em conclusão, parece sensato a nós espíritas acatarmos as recomendações de Kardec e Emmanuel, entre outros Espíritos lúcidos que se manifestaram sobre o tema. Enquanto não ascendermos a mundos superiores, nos quais a recordação do passado se apresente sem inconvenientes (ver questões 394 e 397 do Livro dos Espíritos), substituamos essa prática pela terapia espírita: aquela que se baseia na observação de nossas tendências instintivas, na aplicação da receita evangélica para a superação do homem velho e viciado que existe em nós, e para a edificação de um homem capaz de viver e distribuir o amor, o equilíbrio e a paz em suas múltiplas expressões.

Encerrando esta série, o próximo artigo ressaltará a necessidade de se prosseguir no desenvolvimento das pesquisas científicas espíritas ao longo das linhas traçadas pelo próprio programa espírita de investigação iniciado por Kardec, em integração com os outros aspectos do Espiritismo. •

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

(Alguns desses artigos encontram-se disponíveis no site do Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp: <http://www.geocities.com/Athens/Academy/8482>.)

CHAGAS, A. P. “O que é a Ciência?”, Reformador, março de 1984, p. 80-83 e 93-95.

———. “O Espiritismo na Academia?”, Revista Internacional de Espiritismo, fevereiro de 1994, p. 20-22 e março de 1994, p. 41-43.

———. “A ciência confirma o Espiritismo?”, Reformador, julho de 1995, p. 208-11.

CHIBENI, S. S. “Espiritismo e ciência”, Reformador, maio de 1984, p. 144-47 e 157-59.

———. “A excelência metodológica do Espiritismo”, Reformador, novembro de 1988, p. 328-333, e dezembro de 1988, p. 373-378.

———. “Ciência espírita”, Revista Internacional de Espiritismo, março de 1991, p. 45-52.

———. “O paradigma espírita”, Reformador, junho de 1994, p. 176-80.

EMMANUEL. Regressão de memória. Texto psicografado por F. C. Xavier em 30/6/1991. Publicado, entre outros lugares, em A Voz do Espírito, setembro de 1991, p. 1.

FREITAS, J. “Transcomunicação: De volta às mesas girantes”. A Voz do Espírito, novembro 1990, p. 1-2.

KARDEC, A. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 43a ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

———. Le Livre des Médiuns. Paris, Dervy-Livres, 1972. (O Livro dos Médiuns. Trad. Guillon Ribeiro, 46a ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

———. O Evangelho segundo o Espiritismo. (Trad. Guillon Ribeiro.) 113a ed., Rio, FEB.

XAVIER Jr., A. L. Será que algum dia os aparelhos eletrônicos vão substituir os médiuns? A Voz do Espírito, ano 9, n. 90, março/abril 1998, p. 5.

Seara Espírita

CONFERÊNCIA ESPÍRITA BRASIL-PORTUGAL

Em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil, será realizada no Centro de Convenções da Bahia, em Salvador, de 16 a 19 de março de 2000, a Conferência Espírita Brasil-Portugal, com o Tema Central — “Amor e União: Bases da Ação Espírita no Século XXI”. A Federação Espírita Brasileira e a Federação Espírita Portuguesa promovem o evento, cuja realização está a cargo da Federação Espírita do Estado da Bahia. Os participantes da Conferência poderão encaminhar Temas Livres à Comissão Executiva, até 15 de janeiro de 2000, que retratem experiências, estudos ou sugestões que sejam compatíveis com os princípios da Doutrina Espírita, com os objetivos e o temário do evento. Estão sendo distribuídos folders para todas as Instituições Espíritas do Brasil e de Portugal, com a Programação Doutrinária, a Ficha de Inscrição e as instruções aos interessados.

*

USE (SP): CONGRESSO ESTADUAL DE ESPIRITISMO

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo programou para o período de 28 de abril a 1º de maio de 2000 a realização, em Bauru, do 11º Congresso Estadual de Espiritismo, com o Tema Central “O Espiritismo no 3º Milênio” Análise do Presente & Projeto do Futuro, que se desdobrará em cinco Módulos — Comunicação, Mediunidade, Educação e Unificação — cada qual com temas e subtemas específicos. A abertura, na noite de 28 de abril, será feita por Divaldo Pereira Franco.

*

ESPANHA: CONGRESSO ESPÍRITA NACIONAL

A cidade de Tarragona será a sede do VII Congresso Espírita Nacional, no período de 5 a 7 do mês corrente, cuja organização está a cargo do Centro Espírita “Amor y Paz”, de Igualada (Barcelona). Haverá a participação, como expositores, de Divaldo Pereira Franco (Brasil) e Juan Antonio Durante (Argentina).

*

JOÃO PESSOA (PB): MOSTRA DO LIVRO E OBRAS ESPÍRITAS

O Centro Espírita “O Consolador” promoverá a 1ª Mostra do Livro e Obras Espíritas, de 7 a 12 deste mês, com o apoio da Federação Espírita Paraibana e da Associação de Divulgadores do Espiritismo da Paraíba. O evento ocorrerá no Espaço Cultural da Paraíba, numa área de 6 mil metros quadrados, e constará de: Palestras públicas evangélico-doutrinárias, apresentações artísticas, exposição de livros espíritas, fitas e CDs, telas mediúnicas, oficinas de trabalho, museu espírita e teatro infantil.

*

ESPIRITISMO NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO

O Núcleo Espírita Universitário de Londrina (NEU) realiza todas as quintas-feiras, às 18 horas, o estudo sistematizado de “O Livro do Espíritos” na Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, aberto a professores, estudantes e funcionários da Universidade.

*

URUGUAI: JORNADA DOUTRINÁRIA

Realizou-se em Montevideu, no dia 10 de outubro, promovida pela Federação Espírita Uruguaia, a Jornada Doutrinária “Doutrina Espírita na Sociedade”, que consistiu em cinco conferências: “Espiritismo e a realidade atual”, por Carolina Fernández, da Argentina; “História do Espiritismo na Europa”, por Janet Duncan, da Inglaterra; “Espiritismo e Cristianismo”, por José Garcia, do Brasil; “Ação Social no Movimento Espírita”, por Edwin Bravo Marroquin, da Guatemala; e “Relações Humanas sob a Ótica Espírita”, por Nilton Stamm de Andrade, do Brasil.

A Jornada foi aberta por Gladys Ledesma, Presidente da Federação Espírita Uruguaia, e contou com a presença e a saudação dos membros do Conselho Espírita Internacional que participavam da sua 6ª Reunião Ordinária, em Montevideu.

*

MEMORIAL ESPÍRITA F. C. XAVIER

Construído na Fraternidade Espírita Cristã Francisco de Assis, situada na periferia de Belo Horizonte (MG), foi inaugurado no dia 31 de julho deste ano o Memorial Espírita Francisco Cândido Xavier. Os módulos e estandes contêm registros dos precursores do Cristianismo e do Espiritismo; vida e obra de Jesus, dos Apóstolos e de vultos do Cristianismo; vida e obra de Allan Kardec; vida e obra de Chico Xavier, com os 422 livros e apostilas produzidos pelo médium.

*

S. B. DO CAMPO (SP): ENCONTRO FRATERNAL ESPÍRITA

Será realizado no período de 10 a 12 deste mês, na Instituição Assistencial Meimei, em São Bernardo do Campo, o Encontro Fraternal Espírita “Um Convite à Vida”, em que serão abordados os temas: “Campanha em Defesa da Vida”, “A Contribuição da Doutrina Espírita na Solução dos Problemas Morais da Humanidade” e “A Transformação Moral do Ser Humano”, cabendo a conferência de encerramento a Divaldo Pereira Franco. O Encontro tem como promotores: a USE Regional do Grande ABC, o Conselho Regional Espírita da FEESP e a Aliança Espírita Evangélica.

REFORMADOR

Dezembro de 1999

Suplemento

MENSAGEM DO CONSELHO FEDERATIVO
NACIONAL AO MOVIMENTO
ESPÍRITA BRASILEIRO

Reunião de 13 a 15 de novembro de 1999, em Brasília (DF)

O CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, REUNIDO EM SUA SEDE, EM BRASÍLIA, NOS DIAS 13, 14 E 15 DE NOVEMBRO DE 1999, ESCLARECE E RECOMENDA:

I — Que as diretrizes doutrinárias que norteiam as atividades do Conselho Federativo Nacional são:

1. O Conselho Federativo Nacional reúne as Entidades Federativas e de Unificação do Movimento Espírita de todos Estados e as Entidades Especializadas de Âmbito Nacional que têm por objetivo difundir e praticar a Doutrina Espírita contida nas obras da Codificação Kardequiana.
2. A integração dessas Entidades no Conselho Federativo Nacional é sempre realizada de forma voluntária e consciente, em nível de fraternal igualdade, sem nenhum caráter subordinativo e com total respeito à autonomia, à independência e à liberdade de ação dos seus participantes, como preceitua a própria Doutrina Espírita.
3. Essa união decorre da consciência das Entidades que dela participam, da necessidade de trabalharem unidas, permutando experiências, trocando informações, confraternizando-se, ajudando-se reciprocamente, aprimorando e fortalecendo o seu próprio trabalho e o trabalho global do Movimento Espírita.
4. Essa diretriz, que norteia o trabalho de união da família espírita e de unificação do Movimento Espírita, caracterizada pela prática da fraternidade, da liberdade e da responsabilidade, estende-se a todas as instituições espíritas que integram as Entidades Federativas Estaduais e as Entidades Especializadas de Âmbito Nacional que compõem o CFN.

II — Que as diretrizes que norteiam o trabalho de união da família espírita brasileira e de Unificação do Movimento Espírita são:

1. **Doutrina Espírita** ou **Espiritismo** é o conjunto de princípios e leis contidos nas obras básicas de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita.
2. Conforme observam o próprio Codificador e os Espíritos Superiores, em Prolegômenos de “O Livro dos Espíritos”, a Doutrina Espírita é de autoria dos Espíritos Superiores e tem por objetivo instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.
3. Como destacam os ensinamentos contidos na Codificação, o Espiritismo vem realizar, na época predita, o que Jesus disse do Consolador prometido: o conhecimento de todas as coisas, fazendo com que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra.
4. Trazendo conceitos novos sobre o homem e tudo o que o cerca, o Espiritismo toca em todas as áreas do conhecimento, das atividades e do comportamento humanos. Pode e deve ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional, social.

5. Tendo por base os princípios acima enunciados e consciente de que a Doutrina Espírita veio, no devido tempo, trazer esclarecimento, orientação e consolação a todos os homens, o Conselho Federativo Nacional tem como objetivo principal de suas atividades colocar a Doutrina Espírita, em toda a sua abrangência, ao alcance e a serviço de todos os homens, promovendo e realizando o seu estudo, a sua divulgação e a sua prática. E destaca a judiciosa e sensata observação de Allan Kardec quando diz: *“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”* (“A Gênese” — cap. I — 55.)

6. Todo o progresso do conhecimento desde a Codificação tem trazido evidências que confirmam os ensinamentos espíritas, nada justificando a revisão de qualquer dos fundamentos da Doutrina dos Espíritos.

7. O Espiritismo não impõe os seus princípios. O Conselho Federativo Nacional respeita em todas as pessoas e instituições o natural direito que têm de não aceitá-los, parcial ou totalmente, e de rejeitá-los e convida os interessados em conhecê-los a submeter esses princípios ao crivo da razão e só aceitá-los de forma consciente, voluntária e por convicção.

8. O Conselho Federativo Nacional não reconhece em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembleia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinamentos do Espiritismo, contidos nas obras básicas de Allan Kardec. Como assevera o Espírito de Verdade: *“No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram.”* (“O Evangelho segundo o Espiritismo” — cap. VI — 5.)

III — E diante da permanente tarefa que, como espíritas, nos cabe realizar no sentido de promover o estudo constante da Doutrina Espírita, a sua divulgação e a sua prática:

1. Que sejam destacados em todas as atividades do Movimento Espírita, no próximo ano, os **2000 anos com Jesus** que a Humanidade comemora, observando os valores autênticos do Cristianismo e a sua relação com a Doutrina Espírita, que o revive.

2. A intensificação e dinamização da Campanha de Divulgação do Espiritismo, aprovada em 1996, colocando em prática, plenamente, o seu Plano de Ação e possibilitando que a Doutrina Espírita seja cada vez mais conhecida, melhor compreendida e melhor praticada.

3. O estudo constante, metódico, aprofundado e sistematizado da Doutrina Espírita para que os seus ensinamentos, princípios e leis possam ser conhecidos e compreendidos de forma racional, lógica, voluntária, consciente e livre, promovendo o crescimento moral, intelectual e espiritual do homem.

4. Um adequado trabalho de atendimento fraterno e de assistência espiritual, moral e material ao ser humano, nas instituições espíritas, apoiando-o em suas necessidades e promovendo-o individual e socialmente, colocando em prática o

princípio básico da ação espírita: “Fora da caridade não há salvação”.

5. A utilização dos veículos de divulgação de forma compatível com os princípios doutrinários, disseminando os ensinamentos espíritas, que esclarecem, orientam e consolam, difundindo a verdade sem dispensar a fraternidade e a solidariedade, cuja prática é o objetivo da Doutrina Espírita.

6. Aos espíritas em geral, e especialmente aos trabalhadores e dirigentes espíritas, o necessário “*vigiai e orai*”, fortalecendo o trabalho de unificação do Movimento Espírita.

E finalmente, o Conselho Federativo Nacional conclama os espíritas e as instituições espíritas em geral a que, unidos, continuem a concentrar seus esforços e tempo no trabalho edificante de colocar a Doutrina Espírita, em toda a sua abrangência, sem restrições ou questionamentos a qualquer dos seus princípios, ao alcance e a serviço de todos.

“Espíritas, amai-vos; espíritas, instruí-vos.”

**CFN — Brasília, 15 de novembro de 1999.
50 anos de “Pacto Áureo”
1949/1999**

Federação Espírita do Estado do Acre — Gasparina dos Anjos de Jesus
Federação Espírita do Estado de Alagoas — Luiz Pereira Mello
Federação Espírita do Amapá — Luiz Gonzaga Pereira de Souza
Federação Espírita Amazonense — Dori Vânia da Costa Cunha
Federação Espírita do Estado da Bahia — Edinólia Pinto Peixinho
Federação Espírita do Estado do Ceará — Antônio Alfredo de Souza Monteiro
Federação Espírita do Distrito Federal — César de Jesus Moutinho
Federação Espírita do Estado do Espírito Santo — Marcelo Paes Barreto
Federação Espírita do Estado de Goiás — Umberto Ferreira
Federação Espírita do Maranhão — Ana Luiza Nazareno Ferreira
Federação Espírita do Estado de Mato Grosso — Lacordaire Abrahão Faiad
Federação Espírita do Estado de Mato Grosso do Sul — Jeronymo Gonçalves da Fonseca
União Espírita Mineira — Pedro Valente da Cunha
União Espírita Paraense — Jonas da Costa Barbosa
Federação Espírita Paraibana — José Raimundo de Lima
Federação Espírita do Paraná — Napoleão de Araújo
Federação Espírita Pernambucana — Sônia Arruda Fonseca
Federação Espírita Piauiense — Valter Luiz Matão Lemos
União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro — Gerson Simões

Monteiro

Federação Espírita do Rio Grande do Norte — Arlindo Araújo

Federação Espírita do Rio Grande do Sul — Jason de Camargo

Federação Espírita de Rondônia — Pedro Barbosa Neto

Federação Espírita Roraimense — Volmar Julson Buffi

Federação Espírita Catarinense — João Sérgio Sell

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — Antonio Cesar Perri
de Carvalho

Federação Espírita do Estado de Sergipe — Raimundo Gregório

Federação Espírita do Estado do Tocantins — Leila Ramos

Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo — Eder Fávaro

Cruzada dos Militares Espíritas — Eloy Carvalho Villela

Instituto de Cultura de Espírita do Brasil — César Soares dos Reis

Federação Espírita Brasileira — Juvanir Borges de Souza, Presidente do CFN